

**ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE TANGARÁ DA SERRA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS**

JOCINEIDE CATARINA MACIEL DE SOUZA

**A HISTÓRIA LITERÁRIA:
O PROCESSO DE FORMAÇÃO DA LITERATURA MATO-GROSSENSE**

Tangará da Serra – MT
Fevereiro, 2014

JOCINEIDE CATARINA MACIEL DE SOUZA

**A HISTÓRIA LITERÁRIA:
O PROCESSO DE FORMAÇÃO DA LITERATURA MATO-GROSSENSE**

ORIENTADORA: Dr^a. Walnice Aparecida Matos Vilalva

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Estudos Literários – PPGEL, da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT – como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários, na área de Letras, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Walnice Aparecida Matos Vilalva.

Tangará da Serra
Fevereiro de 2014

JOCINEIDE CATARINA MACIEL DE SOUZA

**A HISTÓRIA LITERÁRIA:
O PROCESSO DE FORMAÇÃO DA LITERATURA MATO GROSSENSE**

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Walnice Aparecida Matos Vilalva (presidente)
Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof^ª. Dr^ª. Kelcilene Grácia Rodrigues
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Prof. Dr. Helvio Gomes Moraes Junior
Universidade do Estado de Mato Grosso

TANGARÁ DA SERRA, 02/2014

Aos meus sobrinhos: Gabriel Henrique; Luana Sofia; Weverton Gustavo, Anny Caroline e Yan.

À minha amiga Andréia Cristina da Silva, por me suportar durante esses dois anos falando sempre sobre os mesmos assuntos, obrigada pelo companheirismo.

AGRADECIMENTOS

A família de **Joaquim Duarte Pinheiro** e **Coraci Alves Pinheiro**, e, em especial a minha amiga **Kátia khristiane Alves Pinheiro** que me ofereceram abrigo no momento em que mais precisei, isso me possibilitou terminar o ensino médio.

A formação acadêmica exige dedicação e perseverança e sem o apoio de **Jadir Câmara** e **Januária Câmara** seria impossível iniciar essa jornada.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Ensino Superior - CAPES, pela bolsa de estudo, sem a qual não seria possível a realização desta pesquisa.

A **Universidade do Estado de Mato Grosso** – UNEMAT, pelo apoio acadêmico e institucional essenciais para a realização desse trabalho.

A todos os **professores** do Programa, em especial a minha orientadora professora Dr^a. **Walnice Aparecida Matos Vilalva**, que me inspirou à iniciar a pós graduação, pela confiança, amizade e pelo incentivo para a realização dessa pesquisa.

Aos membros da Banca de Qualificação pelas leituras e pelas indicações.

Aos meus colegas do curso. E em especial ao carinho e amizade de **Elcione, Ivete, Sandra** e **Josielma** conquistados nesses dois anos de pesquisa.

Obrigada!

A história da literatura é uma tarefa sempre em andamento, cabendo a cada geração refazê-la e completá-la.

Afrânio Coutinho

RESUMO

A **História Literária: O Processo de Formação da Literatura Mato-Grossense**, dialoga com perspectivas históricas e literárias, cujo foco principal são os estudos das histórias de literatura nacionais *versus* as histórias de literatura regionais, como instrumentos de legitimidade da produção da identidade cultural de um povo (nação/estado). A obra, objeto de estudo de cunho regional, é a **História da Literatura Mato-Grossense**, de Rubens de Mendonça, publicada em 1970. Nosso percurso de investigação encontra nas antologias literárias do mesmo autor, o embrião da criação de um sistema. Dividimos nossa pesquisa em três capítulos: o primeiro, apresenta o papel das histórias da literatura na formação da identidade nacional. No segundo capítulo nossas discussões se limitaram a entender o papel da antologia para a compilação da história da literatura. Finalmente propomos apresentar a formação da literatura no Estado de Mato Grosso, entendendo a literatura como sistema. O suporte bibliográfico se pauta nos pressupostos de Harold Bloom **Cânone Ocidental** (2010); Roger Chartier **Inscrever & Apagar: cultura escrita e literatura** (2007); Antoine Compagnon **O Demônio da Teoria: literatura e senso comum** (2010); Pierre Bourdieu **O Poder Simbólico** (2010); entre outros.

Palavras chave: História Literária , nacionalismo, regionalismo, cânone, Mato Grosso.

ABSTRACT

The Story Literary: The Formation Process of Literature in Mato Grosso dialogues with historical and literary perspectives, whose main focus is the study of national literature stories versus stories of regional literature as instruments of legitimacy production of cultural identity of a people (nation / state). The work, studied by regional studies, is **História da Literatura Mato-Grossense**, by Rubens de Mendonça, published in 1970. Our research finds path in literary anthologies of the same author, the embryo of the creation of a system. We divide our research into three chapters: the first, the presents the roles of the stories of literature in shaping national identity. In the second chapter our discussions were limited to understand the role of the anthology for the compilation of the history of literature. Finally we propose to present the formation of the literature in the state of Mato Grosso, understanding literature as a system. As bibliographic support we have Harold Bloom **Cânone Ocidental** (2010); Roger Chartier **Inscrever & Apagar: cultura escrita e literatura** (2007); Antoine Compagnon **O Demônio da Teoria: literatura e senso comum** (2010); Pierre Bourdieu **O Poder Simbólico** (2010) among others.

KEYWORDS: Story Literary, nationalism, regionalism, canon, Mato Grosso.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1 AS HISTÓRIAS DA LITERATURA NO BRASIL E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE NACIONAL/REGIONAL.....	10
2 ANTOLOGIAS: PRIMEIRO PASSO PARA UMA HISTÓRIA LITERÁRIA.....	23
3 A SISTEMATIZAÇÃO DA LITERATURA MATO GROSSENSE.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS.....	56

INTRODUÇÃO

A sistematização da literatura no estado de Mato Grosso se deu no início do século XX. Nesse sentido, interessa-nos o processo de construção de uma identidade cultural por meio da formação dessa literatura. Para tanto, será necessário um estudo da primeira história da literatura de estado de Mato Grosso, publicada em 1970 e reeditada em 2005, **História da Literatura Mato-Grossense** de Rubens de Mendonça.

Nessa obra aparece elencada alguns textos da produção literária que datam o período da colonização até o século XX. Com intuito de discutir o método que organiza e julga uma seleção de textos e autores, chegamos ao discurso de legitimação de uma literatura regional, uma construção do cânone local. Diante dessa proposta, os teóricos que embasam nossas discussões são: Roger Chartier **Inscrever & Apagar: Cultura Escrita e Literatura**; Pierre Bourdieu **O Poder Simbólico**; Antoine Compagnon **O Demônio da Teoria: Literatura e Senso Comum**; Harold Bloom **Cânone Ocidental**, entre outros.

O processo de formação da literatura em Mato Grosso, em um estudo metacrítico, nos permite abordar aspectos literários, históricos e políticos que determinam a história literária. Do nacionalismo ao regionalismo, o cânone reflete a noção de patrimônio e identidade coletiva. Ao escolhermos o termo história da literatura estamos nos referindo diretamente ao(s) movimento(s) literário(s) considerando a “relação dos textos entre si no tempo e nos contextos históricos” seja nacional ou regional/local, Compagnon (2010). Ao considerar a relação dos textos entre si no tempo, temos como referência direta a estrutura das próprias histórias da literatura. Sobre a relação dos textos nos contextos históricos, justificamos a abordagem das histórias da literatura brasileiras no primeiro capítulo, para em seguida tratarmos da produção literária de Mato Grosso.

O nacionalismo filia-se à Independência política do Brasil, que despertou o sentimento patriótico de busca pela identidade brasileira. Nesse sentido, o termo nacionalismo tem como princípio representar as características e os sentimentos próprias de uma nação.

Com relação à compreensão do regionalismo, nossa abordagem se pauta em entendê-lo como força legitimadora de fronteira, diferentemente das discussões que o termo suscitou desde seu surgimento. Nesse viés, o espaço regional ficcional, ou, não ficcional, é portador de símbolos num mundo histórico social e numa região geográfica existente. Logo, o uso de

regionalismo se opõe ao nacionalismo por acreditar que as produções locais, ao longo do séculos XIX e XX, foram suplantadas pela homogeneidade cultural imposta.

Consideramos o cânone como memória de um conjunto de produções que são valorados, ora por seu valor histórico, ora por seu valor estético. E constituem o patrimônio literário de um povo. No Brasil, são as histórias da literatura que sustentam a formação de um cânone, seja ele nacional ou regional.

As histórias da literatura suscitam vários tipos de interpretações e leituras sobre a sua função, tomando-a como forma de memória de determinado grupo, seja esse nacional, regional/local, Roger Chartier (2007) nos apresenta algumas reflexões sobre as questões voltadas aos registros dos fatos, ou seja, a escrita. No percurso das discussões apresentadas em sua obra **Inscrever & Apagar: cultura escrita e literatura**, percebemos alguns pontos que se assemelham com algumas preocupações que rondam a escrita da história da literatura, como exemplo, o medo do esquecimento. Para combater o esquecimento, surge a escrita; logo, o registro das informações passaram por várias fases: pedra, madeira, tecido, pergaminho até chegar ao papel. Esses instrumentos de suporte da escrita permitiram que a “memória dos tempos e dos homens” fossem assegurada, ao longo da história da humanidade.

Com base nos pressupostos de Chartier, podemos refletir sobre a proximidade da inscrição e do apagamento, sendo esse duelo constante na história literária. Considerando que toda história da literatura, independentemente do método de abordagem, é uma seleção, ao escrevê-la, inscrevê-la, nasce o apagamento de outras. “Portanto, embora temido, o apagamento era, necessário, assim como o esquecimento também o é para memória. Nem todos os escritos foram destinados a se tornar arquivos cuja proteção os defenderia da imprevisibilidade da história.” (CHARTIER, 2007, p.09).

Embora, essa afirmação de Chartier sobre o apagamento/esquecimento, se refira em primeiro momento às sociedades européias, da primeira fase da modernidade, a afirmação é cabível aos estudos das histórias da literatura de modo geral; pois ao selecionar os textos que são catalogados, elas acabam por apagar e lançar no esquecimento muitos escritos.

O papel social da literatura, surgido com a hegemonia burguesa, aludiu no predomínio dos grandes centros de produção e distribuição. Neste sentido, se faz necessário um estudo

desse processo na literatura nacional do século XIX, para entendermos as condições das regiões que não faziam parte do eixo econômico, político e cultural do Brasil.

Tratamos no primeiro capítulo de entender o papel das histórias literárias no nacionalismo brasileiro, a partir das histórias de Silvio Romero (1888); José Veríssimo (1916); Ronald de Carvalho (1919); Afrânio Coutinho (1955-1959) e Antônio Cândido (1959). Essas histórias nos permitem abordar o nacionalismo como forma de legitimação de uma identidade nacional. Nesse primeiro capítulo as concepções de Eric Hobsbawm nos ajudou a delimitar o sentido do uso de termos como nação; nacionalidade; nacionalismo.

No segundo capítulo tratamos de entender a função das antologias no processo de compilação de uma história da literatura, seja essa nacional ou regional. Notamos a similaridade na organização da história da literatura de Romero que se pautou nas antologias nacionais; fato esse que não difere da literatura mato-grossense de Rubens de Mendonça.

O último capítulo trata, especificamente, do processo de formação da literatura mato-grossense, por meio da história literária de Rubens de Mendonça. Antes de 1970 era impossível visualizar o conjunto de produções literárias do Estado, pois a maioria das publicações locais eram em jornais; poucos eram os livros publicados e não divulgados. Após a publicação da **História da Literatura Mato Grossense** de Rubens de Mendonça (1970), tivemos a publicação de Lenine Póvoas (1980). A segunda história literária de Mato Grosso é publicada em 2001, por Hilda Gomes Dutra Magalhães.

Como resultados dessa pesquisa, que por sua abrangência apresenta vários pontos que podem ser explorados em outras situações, salientamos que a produção literária do estado de Mato Grosso está sistematizada seguindo o mesmo percurso da primeira história literária nacional, ou seja, o seu processo de formação se pauta na legitimidade de uma produção local com ênfase na memória e não nos pressupostos estéticos.

1 AS HISTÓRIAS DA LITERATURA NO BRASIL E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE NACIONAL/REGIONAL

[...] existir não é somente ser diferente mas também ser reconhecido legitimamente diferente e em que, por outras palavras, a existência real da identidade supõe a possibilidade real, juridicamente e politicamente garantida, de afirmar oficialmente a diferença.

(Pierre Bordieu)

Consideramos que a formação de nação implica em vários fatores, trataremos especificamente de verificar como as histórias da literatura brasileira publicadas no final do século XIX, e, no decorrer do século XX, foram instrumentos ideológicos que sistematizaram e difundiram o desejo de consolidação da nação brasileira. Para tanto, interessa-nos a construção da identidade nas obras de Silvio Romero (1888), José Veríssimo (1916), Ronald de Carvalho (1919), Afrânio Coutinho (1955-1959) e Antônio Cândido (1959).

A literatura nacional representa a produção literária de cada país, com suas características próprias, ou seja, uma literatura com sua identidade definida e defendida, conforme demonstra o discurso nacional contido nas histórias das literaturas. O que faz com que os conceitos de nação, de nacionalidade e de nacionalismo apresentem orientações teóricas nos estudos literários. Nossa abordagem se orienta por Eric Hobsbawn, que discute o contexto da formação das nações do continente europeu, especificamente, nas obras **A Era das Revoluções (O Nacionalismo); Era do Capital (A Construção das Nações); Era dos Impérios (Bandeiras desfraldadas: Nações e Nacionalismo); Nações e nacionalismo desde 1780: programas, mito e realidade.**

Para Hobsbawn os fatores que constituem uma nação estão ligados diretamente a identidade coletiva de um povo, demarcada por sua extensão territorial, sua história, cultura comum, composição étnica e, com crescente importância, a *língua*; ou seja, a homogeneidade sócio-cultural de um povo. Embora o ponto de referência seja a Europa, há muitos pontos que convergem na formação do discurso nacional brasileiro. Sobre o termo nacionalidade, o autor afirma que se refere aos elementos políticos e culturais que possibilitam a independência e autonomia de uma nação e destaca que esse termo era usado anteriormente ao século XX, para designar os princípios do nacionalismo. Sobre o uso termo nacionalismo, o autor aponta que:

[...] a própria palavra “nacionalismo” apareceu pela primeira vez em fins do século XIX, para descrever grupos de ideólogos de direita na França e na Itália, que brandiam entusiasticamente a bandeira nacional contra os estrangeiros, os liberais e os socialistas, e a favor daquela expansão agressiva de seus próprios Estados, que viriam a ser tão característica de tais movimentos”. (HOBSBAWN, 1988, p. 203-204)

No Brasil, especificamente, o nacioanalismo também surge com o objetivo de demarcar independência, tanto no domínio político quanto cultural. As histórias literárias são os instrumentos propagadoras dos ideais nacionalistas ao realizar o levantamento das produções literárias que pudessem comprovar a sua capacidade de independência cultural e, ao eleger para o seu cânone, autores que estavam em consonância com os propósitos nacionalistas. Os propósitos nacionalistas elencados nas histórias literárias do século XIX, se pautavam em valorizar os autores que enalteciam a pátria e se esforçaram na formação da identidade nacional.

As histórias da literatura surgem, na Europa, com a função de desempenhar um papel fundamental, no que se refere à afirmação nacional. O julgamento e o valor das obras literárias passam a estabelecer-se em função da construção de uma identidade nacional. Hans Robert Jauss (1994, p. 5) destaca que “[...] os patriarcas da história da literatura tinham como meta suprema apresentar, por intermédio das histórias das obras literárias, a ideia de individualidade nacional a caminho de si mesma.” Os critérios de nacionalidade e os princípios de nação transformam-se em elementos avaliativos da qualidade artística de uma obra e, na maioria das vezes, são primordiais para a inserção da obra em uma história da literatura.

Antes de tratarmos, especificamente, das histórias da literatura brasileira é válido destacar alguns pontos da crítica de Machado de Assis no texto **Notícias da Atual Literatura Brasileira – Instinto de Nacionalidade**, escrito em 1873¹. Nas primeiras linhas desse texto, Machado de Assis apresenta a situação da literatura denominando-a como “instinto de nacionalidade”.

Quem examina a atual literatura brasileira reconhece-lhe logo, como primeiro traço, certo **instinto de nacionalidade**. Poesia, romance, todas as formas literárias do pensamento buscam vestir-se com as cores do país, e não há negar que semelhante preocupação é sintoma de vitalidade e abono de futuro. (ASSIS, 1873, p. 1. Grifo nosso).

¹ Escrito por encomenda para a revista, O Novo Mundo, publicada em Nova Iorque em português.

Esse instinto de nacionalidade, criticado por Machado de Assis, com a publicação das histórias de literatura ganha uma proporção ainda maior, pois será critério a para inserção dos autores que se dedicaram na defesa dos ideais nacionalistas ou isolamento de diversos nomes que não possuíam esse instinto.

Devo acrescentar que neste ponto manifesta-se às vezes uma opinião, que tenho por errônea: é a que só reconhece espírito nacional nas obras que tratam de assunto local, doutrina que, a ser exata, limitaria muito os cabedais da nossa literatura. (ASSIS, 1873, p. 3)

A publicação de Silvio Romero, tem como premissa fomentar a criação da identidade nacional, conforme afirma o crítico sobre o objetivo de sua obra “[...] Seu fito é encontrar as leis que presidiram e continuam a determinar a formação do gênio, do espírito, do caráter do povo brasileiro”. (ROMERO, 1980, p.55). Essa necessidade de representação da nação proporcionou uma homogeneidade da literatura nos centros culturais e políticos do Brasil, apagando, assim, as produções literárias dos rincões brasileiros, isolados pelos aspectos econômicos e geográficos.

Ao dialogar os objetivos de Silvio Romero e a afirmação de Jauss sobre a “individualidade nacional” evidenciamos que o segundo não se refere diretamente ao caso do Brasil. Todavia, verificamos na história da literatura de Silvio Romero (1888) o esforço para apontar a “individualidade” da literatura brasileira, pois os critérios de nacionalidade que condicionam a homogeneidade sócio-cultural (território, história, composição étnica, língua) citados anteriormente, são adotados como elementos avaliativos em sua seleção, ao estabelecer na sua abordagem que:

Só contemplarei, portanto, como nossos os nascidos no Brasil, quer tenham saído, quer não, e os filhos de Portugal, que no Brasil viveram longamente, lutaram e morreram por nós, como Anchieta e Gonzaga nos tempos coloniais, e, como políticos, nos tempos modernos, Clemente Pereira e Limpo de Abreu. Todos estes tiveram no reino só o berço, sua vida foi brasileira e pelos brasileiros. (ROMERO, 1980, p.56).

Com esse excerto desenha-se o perfil da seleção realizada pelo crítico, além de pontuar uma outra questão muito comum sobre a nacionalidade, quando o autor se refere aos nascidos em Portugal, mas que “sua vida foi brasileira e pelos brasileiros”. Há uma reafirmação dos pressupostos de Hobsbawn (1988), quando discute essa apropriação dos indivíduos por espaços que de fato não lhes pertencem em um primeiro momento. O fato de muitos

brasileiros se sentirem portugueses ou vice versa de portugueses serem tidos como brasileiros, é um fenômeno muito comum, principalmente nos sistemas de colonização. Os elementos dessa relação pontuam a identidade como pertencimento de nascido e não nascido no Brasil, ao primeiro grupo de nascidos há uma reciprocidade mútua de pertencimento (eu sou brasileiro pois nasci no Brasil, e o Brasil é minha pátria), quanto aos não nascidos a relação de pertencimento se dá por uma postura de engajamento e pelo desejo de desenvolvimento e realização pessoal do imigrante. As três primeiras histórias da literatura brasileira apresentam a consolidação do nacionalismo, vejamos como elas estão estruturadas.

A **História da Literatura Brasileira** está dividida em cinco volumes. No primeiro volume temos “os trabalhos estrangeiros e nacionais sobre a literatura brasileira”; “teorias da história no Brasil”; “a filosofia da história de Buckle e o atraso do povo brasileiro”; “o meio - fisiologia do brasileiro; a nação brasileira como grupo etnográfico e produto histórico”; “raças que constituíram o povo brasileiro - o mestiço; tradições populares – cantos e contos anônimos- alterações da língua portuguesa no Brasil”; “relações econômicas – as instituições políticas e sociais da colônia, do Império e da República”; “psicologia nacional - prejuízos de educação – imitação do estrangeiro”. Esse volume introdutório estabelece que a metodologia adotada pelo crítico se pauta nos pressupostos de Edmond Scherer, e sua escrita se detém em realizar as “considerações gerais”, “efeitos e causas”, “distinção” e “classificação” dos textos.

Nesse volume, Romero exalta a presença dos portugueses “ao português devemos a colonização por uma raça européia, seu sangue e suas ideias, que nos prendem ao grande grupo de povos de civilização ocidental.” (ROMERO, 1980, p. 107) e minoriza a participação cultural e econômica do índio e do negro na formação da mestiçagem: “O negro é adaptável ao meio americano; é suscetível de aprender; não tem a desconfiança do índio; [...] Ao negro devemos muito mais do que ao índio; ele entra em larga parte em todas as manifestações de nossa atividade.” (ROMERO, 1980, p. 120). A consciência crítica das relações econômicas que foram construídas na nação brasileira desde da época colonial até a república evidencia um argumento preconceituoso, principalmente no que se refere a participação do índio.

No segundo volume, Romero enfoca a primeira época ou período de formação (1500-1750) e, em seguida, apresenta a segunda época ou o período de desenvolvimento autônomo (1750-1830). O processo de compilação do autor na primeira época se dá a partir dos poetas e cronistas dos anos finais do século XVI; a escola baiana – cronistas, oradores e poetas do século XVII; poetas e escritores da primeira metade do século XVIII. Da segunda época, é

elencada a escola mineira: poesia épica, poesia cômico-satírica, poesia lírica, oradores sagrados, poesia religiosa e patriótica, belas artes, ciências naturais, historiadores, economistas. O uso da palavra “autônômico”, para caracterizar a época, a seleção de textos, nesse volume, indica a consciência crítica de Romero sobre o processo de formação e desenvolvimento da literatura brasileira.

No século XVII, esse nacionalismo é mais ativo, afirma-se nos fatos de um lado com a espada nos Guararapes, e, de outro, com a pena nas sátiras de Matos.

[...] não só aparecem isolados a natureza e o caboclo. Aparecem a história com todas as suas lutas, o passado com todos os seus feitos; índios, brancos, negros, solo, natureza, lendas, aspirações, a vida, o povo em suma... (ROMERO, 1980, p. 408-409)

Para o autor esse desenvolvimento autônômico inicia-se com Basílio da Gama e se estende à Escola Mineira. Na sistematização do início da literatura brasileira, Romero organiza a seleção de textos por “época” e “período”, e os emprega com o mesmo peso, alternadamente; considerando o contexto final do século XIX, considerando mais ainda a proposta de história literária que identificamos no estudo e seleção de Romero, constatamos a abrangência do objeto, do recorte que o seu trabalho propõe.

Embora as duas palavras (“época” e “período”) indiquem tempo transcorrido de forma cronológica na literatura. René Wellek e Austin Warren assinalam que “[...] um período é, assim, uma secção de tempo dominada por um sistema de normas, convenções e padrões literários, cuja introdução, difusão, diversificação, integração e desaparecimento podem ser seguidos por nós.” (WELLEK; AUSTIN, s/a, p.331). Essa definição do período limitaria os horizontes de Romero somente ao desenvolvimento literário, porém, sua abordagem referenda os fatores sócio-culturais, políticos e econômicos em uma “faixa cronológica de acontecimentos notáveis” (FERREIRA, 2001, p. 298).

Na concepção de Aguiar e Silva as designações de “século, época e era” tem como função demonstrar aspectos durativos, ele afirma que “[...] *época* seria uma designação mais abrangente e mais heterogênia; *período* seria uma designação mais delimitada e mais homogênia” (SILVA, 2007, p.423. grifo do autor). Além disso, para Romero “A história literária é uma das manifestação da história social; as letras não são um luxo, senão uma necessidade orgânica da vida das nações.” (ROMERO, 1980, p.412). A alternância no uso de

“época” e “período” também indica dois fatores centrais que definem seu método: 1) uma seleção ampla; 2) uma sistematização generalizada.

O Romantismo é organizado em seis fases, que estão inseridas no terceiro e quarto volume: no terceiro volume, a transição entre clássicos e românticos, aparecem os nomes e produções da terceira época ou período de transformação romântica – poesia (1830-1870). São citados na primeira fase do romantismo: Domingos José Gonçalves de Magalhães, Manuel de Araújo Porto Alegre, Antônio Gonçalves Texeira e Souza, Antônio Francisco Dutra e Melo, Francisco Otaviano de Almeida Rosa, João Cardoso de Meneses de Sousa-barão de Paranapiacaba. A segunda fase descrita como indianista é dedicada a Antônio Gonçalves Dias. Na terceira fase temos Manuel Antônio Álvares de Azevedo, Auteliano José Lessa, Bernardo Joaquim da Silva Guimarães, Laurindo José da Silva Rabelo, Luis José Junqueira Freire.

O número grande escritores, em cada época, é uma das variantes indicadoras do recorte amplo de seleção e que, em grande medida, compromete a uniformidade do critério de julgamento de sua história. Os dados biográficos e bibliográficos ganham ênfase, ficando em desmedida em relação a avaliação da obra. O texto literário, em poesia e prosa, aparecem em formas de fragmentos, seguido da avaliação do crítico. Essa avaliação traduz um critério de julgamento estruturado em três pilares, hierarquicamente dispostos: 1) o conteúdo nacional; 2) a relação com a literatura ocidental; e, 3) a participação de cada escritor na sociedade. Essa sistematização, com base em seleção e julgamento, na maneira como se realiza, propõe a consolidação de uma produção independente e com características próprias.

No quarto volume, a quarta fase do Romantismo está delimitada como “O sertanejismo dos poetas do norte”. A apresentação da produção literária do Norte do país, assim denominada, marca o critério geográfico e regional na organização e sistematização da história literária nacional. Se por um lado, esse critério não aparece como predominante, por outro, é indicativo de uma contradição interna do discurso nacional e, ideologicamente, homogêneo. Mais que isso, Romero expressa consciência pela “singularidade” do que ele chama de “desarranjo”, cada vez mais acentuado, de separação da capital e dos Estados do Sul, das demais regiões brasileiras.

[...] Nós aqui temos destas singularidades: excetuados os políticos, que logram ser deputados ou senadores e instalar-se de quando em vez ou

perpetuamente no Rio de Janeiro, os talentos das províncias, hoje Estados, do Norte.

Não quero agora explicar as causas deste desarranjo, que se vai acentuando cada vez mais e assumindo as proporções de verdadeiro desdém por tudo quanto é nortista, tudo que não é do Rio e das cinco províncias ou Estados do Sul... (ROMERO, 1980, p. 1063)

Esse discurso de Romero evita o aprofundamento nos aspectos políticos, econômicos e de modernização do país. Todavia, traz indícios de que o estatuto do nacional nasce delimitado por uma zona geográfica e política (o centro do país), irradiando, ideologicamente, “para além” do presente e de todo o Brasil, a capital Rio de Janeiro e os Estados do Sul, como expressão do “Brasil que queremos”: nacional por subtração.

Romero explicita mais que uma fratura no/do nacional, permite verificar a impossibilidade de integração (“desdém” crescente) de regiões brasileiras que se consolidam na margem. A classificação da produção e dos autores, por região, ocorre também na história literária de Veríssimo. Na sistematização desse autor, aparece “o grupo baiano”, “a plêiade mineira” e o “grupo maranhense”. Posteriormente, em Carvalho, as especificidades regionais se dividem em escola baiana e mineira. Em Antonio Candido tem-se “o regionalismo como programa estético e critério estético: Franklin Távora. Afranio Coutinho organiza as produções regionais em ciclos: nortista; nordestino; baiano; central; paulista e gaúcho. Esse fenômeno discursivo, presente na histórias literárias nacionais, indica a consciência dos críticos frente à complexa realidade das regiões brasileiras, marcadas pela diferença em seus aspectos econômicos, políticos, culturais. Integra, portanto, o discurso nacional das histórias, a fronteira que define e limita a região, assim como o nacional, se expressa por uma zona de pertencimento. Na história literária nacional nasce o embrião das histórias regionais. E não poderia ser diferente, pelo menos no tocante ao Brasil.

Na quinta fase do Romantismo, a história literária de Romero organiza a poesia de Pedro Luís e Fagundes Varela. Na sexta, e última fase, temos o condereirismo de Tobias Barreto, Castro Alves e seguidores. O volume quarto se encerra com a prosa, teatro e romance, destacando-se Martins Pena.

No quinto e último volume, Silvio Romero trata da prosa literária e histórica. Na prosa literária, sua seleção traz os nomes de Macedo, Alencar, Manuel de Almeida, Pinheiro Guimarães, Franklin Távora, Taunay, Machado de Assis. Na prosa histórica, temos Carlos Frederico F. de Martins e suas ideias acerca da história do Brasil, publicistas e oradores;

retrospecto literário (retrospecto literário (1888); confronto em retrospecto (1904); reações anti-românticas na poesia – evolução do lirismo; artigos esparsos de João Ribeiro, Lopes Trovão, Tito Lívio de Castro, José do Patrocínio, o Barão do Rio Branco, Joaquim Nabuco, Farias Brito, Nestor Vitor, Euclides da Cunha e, por fim, temos o quadro sintético da evolução dos gêneros na literatura brasileira, desde os relatos das crônicas até a poesia. A poesia parece ser o gênero de maior destaque na história da literatura de Romero, seguida do teatro, o romance, conto, eloquência, história, crítica, filosofia. A evolução dos gêneros literários ocorre em simetria com os períodos literários, respeitando suas especificidades.

Nos cinco volumes que compõem a **História da Literatura Brasileira**, de Silvio Romero, o método adotado é o histórico-social, que ganha mais força com as teorias das ciências sociais com as formulações positivista e evolucionista, que vigoram, nesse momento, oferecendo suporte ideológico para interpretação da cultura brasileira. Roberto Ventura em **Estilo Tropical** (1991) faz uma análise da interpretação da cultura com base na imagem do mestiço no Brasil, nesse mesmo contexto. A identidade brasileira implica, diretamente, na interpretação da condição de mestiçagem, no sistema cultural brasileiro. Para Silvio Romero essa fusão de raças, que faz surgir o mestiço, diferencia a identidade brasileira em complexidade histórica e social, e se transforma no principal fator definidor de nossa identidade e literatura, Roberto Ventura destaca:

[...] ao enfatizar a miscigenação, abordou a história nacional sob a perspectiva da luta e da fusão das raças. Com atenção voltada para os aspectos Históricos-sociais da criação literária, em detrimento das obras ou escritores, Romero ganha como investigador da cultura e da sociedade o que perde como crítico literário. (VENTURA, p, 90, 1991)

A avaliação feita por Ventura, denuncia a superficialidade com que Romero examina os textos selecionados em sua história. Para o crítico, Silvio Romero marca uma posição ideológica, como homem engajado, com o nacionalismo; ao mesmo tempo que registra uma posição preconceituosa, identificando uma diferenciação valorizava entre as três raças que compõe o mestiço, o brasileiro. Assevera ainda o crítico, que a formação da identidade brasileira defendida por Romero traz marcas de ambigüidade e a consciência do valor da cultura estrangeira, e o estrangeiro, em detrimento do índio e do negro. Roberto Ventura (1991, p. 43) salienta, ao analisar a posição de Silvio Romero, que “a nação se constrói, portanto, no movimento ambíguo entre a identidade e a diferença, entre a reprodução da experiência européia e a sua relativa diferenciação nos trópicos”. Na composição formal da

História da Literatura Brasileira se desenha um método que será seguido, por mais de cinquenta anos.

Após o intervalo de vinte e oito anos das discussões, polêmicas e lacunas provocadas por Silvio Romero, surge a **História da Literatura Brasileira** (1916), publicada por José Veríssimo. Em apenas um volume Veríssimo apresenta sua história da literatura e a divide em dois períodos: 1) o colonial, em que destaca os escritores portugueses nascidos no Brasil; 2) o nacional, momento em que engloba os autores brasileiros de nascimento e em plena atividade literária.

Sobre essa divisão, Veríssimo (1954 p.10) adverte: “As duas únicas divisões que legitimamente se podem fazer no desenvolvimento da literatura brasileira, são, pois, as mesmas da nossa história com o povo: período colonial e período nacional.” Ao observamos a divisão em período colonial e nacional, percebemos que o critério de seleção exposto em sua história da literatura, também se respalda nos fatores extrínsecos ao texto literário. Como maior crítico do trabalho de Romero, Veríssimo argumenta, contundente e severamente, sobre o papel da história da literatura, e o risco em transformá-la em cemitério, “enchendo-se de autores mortos”. A questão da seleção, para esse crítico, deve resultar (e evidenciar) uma exigência do valor estético. A crítica de Veríssimo se constitui de uma abordagem pautada diretamente no texto literário; com isso, sua proposta é inovadora e traz os avanços voltados ao texto literário, diferentemente da história de Silvio Romero que valoriza os aspectos extrínsecos ao texto.

Não quero cair no mesmo engano de supor que a crítica ou a história literária têm faculdades para dar vida e mérito ao que de si não tem. Igualmente não desejo continuar a fazer da história da nossa literatura um cemitério, enchendo-a de autores de todo mortos, alguns ao nascer. No período colonial haverá esta forçosamente de ocupar-se de sujeitos e obras de escasso ou até nenhum valor literário, como são quase todas as dessa época. Não sendo, porém, esse o único da obra literária, nem o ponto de vista estético e só de que podemos fazer a história literária, cumpre do ponto de vista histórico, o mais legítimo no caso, apreciar autores e livros que, ainda àquela luz medíocres, têm qualquer importância como iniciadores, precursores, inspiradores ou até simples indículos de movimentos ou momentos literários. (VERÍSSIMO, 1954, p.10,-11)

A história de José Veríssimo é uma resposta combatente ao método de julgamento de Romero. Nisso notamos a sua consciência em equilibrar um tratamento do valor estético e do valor histórico de uma obra. A qualidade estética da obra é o principal elemento de sua seleção.

As duas primeiras histórias da literatura brasileira são importantes, por apresentar uma estrutura que apontam questões problemáticas sobre o método, sobre a interpretação da literatura e da cultura brasileira. O enfoque de Sílvio Romero se pautou na formação da nação brasileira, a partir da consciência do mestiço; enquanto Veríssimo se dedicou a evidenciar o desenvolvimento da literatura brasileira.

A **Pequena História da Literatura Brasileira** (1919) de Ronald de Carvalho. Essa história se organiza em três momentos. São eles: formação (1500 - 1750); transformação (1750 - 1830) e período autônomo (1830 – 1925). O período de formação é composto por três capítulos (séculos XVI, XVII e XVIII). Para apresentar o século XVI, Carvalho seleciona como principais nomes o Padre Anchieta e Bento Teixeira, numa abordagem que engloba fatores e aspectos sociais, além das primeiras manifestações literárias na recém colônia portuguesa.

Enquanto a história da literatura de Veríssimo apresenta um avanço no desenvolvimento dos estudos realizados por Romero, Ronald de Carvalho acaba por regredir ao adotar procedimentos metodológicos extraliterários. A metodologia aplicada nas três histórias literárias apresenta as características elencadas por Afrânio Coutinho quando se refere aos principais problemas da história da literatura:

[...] a) dá importância demasiada ao meio histórico e social, a despeito da pequena influência que têm em muitas das obras mais interessantes; b) prende-se aos menores detalhes biográficos, como se a vida do homem condicionasse essencialmente a alma do escritor, na qual a obra se gerou; c) é complacente com os autores medíocres, sob o pretexto de que esclarecem e explicam os contemporâneos; em vez disso não deveriam ter guarida na literatura, pois não souberam criar beleza, além de que, nesses assuntos, entre o pequeno e o grande a diferença não é de grau, mas de natureza; d) faz uso excessivo, ou mesmo insustentável em princípio, das estatísticas, catálogos e outros meios numéricos de abordar a obra de arte; e) procede a análises cada vez mais amplas, como se a quantidade, em matéria de influências por exemplo, não fosse desprezível em relação à qualidade; f) dá grande ênfase às influências e imitações, como se a única coisa que devesse contar em arte não fosse o elemento pessoal do espírito e da obra; g) acumula, através de um labor tão paciente quão ineficaz, os pequenos fatos e os fragmentos de textos (fichas), que perdem seu sentido próprio e seu valor real, retirados do organismo vivo de que são parte, para construir edifícios artificiais; h) pretende explicar a obra literária, ou os detalhes dessa obra, pelos fatos e textos conhecidos, como se, destarte, conhecêssemos a realidade toda, esquecendo que o espírito do escritor foi dirigido e alimentado durante a criação por uma multidão infinita de encontros que desaparecem sem deixar rastros. (COUTINHO, 1999, p. 7)

Os pontos destacados por Coutinho, como por exemplo, “o demasiado histórico”, “o prender-se em menores detalhes biográficos”, e “a complacência com autores medíocres”, são marcas do processo inicial de construção das histórias literárias no Brasil, no delineamento de um método, inicialmente frágil e, por isso, questionável.

As questões levantadas por Coutinho aparecem muito mais contundentes em Silvio Romero e Ronald de Carvalho, e são pontos que Veríssimo também condena. Embora aponte o desenvolvimento da literatura relacionando-a diretamente aos fatores históricos-sociais, pois ao escolher o texto literário como seu principal objeto de análise, Veríssimo não desprezou o aspecto histórico, ao contrário, observou nele as condições para o desenvolvimento da literatura brasileira. A consciência entre as relações estabelecidas entre o método estético e histórico, explicita uma crise inerente à própria história literária.

Além da crise com relação ao método, destacamos a maneira com que cada crítico entende o conceito de literatura. Para Romero a literatura se dá a partir de “[...] todas as manifestações da inteligência de um povo: - política, economia, arte, criações populares, ciências... e não, como era de costume supor-se no Brasil, somente as intituladas *bellas-lettas*, que afinal cifravam-se quase exclusivamente na *poesia!*...” (ROMERO, 1980, p.58) (grifo do autor). Já para Veríssimo a literatura é arte. Nisso o crítico defende que somente o que é “escrito com o propósito ou a intuição de arte, isto é, com os artifícios de invenção e de composição que a constituem é, a meu ver, literatura.” (VERÍSSIMO, 1954, p. 17). Para o autor a “A história da literatura brasileira é, no meu conceito, a história do que da nossa atividade literária sobrevive na nossa **memória coletiva de nação**. (VERÍSSIMO, 1954, p. 21) (grifo nosso).

O julgamento estético do texto literário iniciada em pouca dosagem por Veríssimo, é renovado como princípio fundamental em outras histórias literárias durante o século XX, com a publicação de **A Literatura no Brasil** (1955-1959) de Afrânio Coutinho e **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos** (1959) de Antônio Cândido, ambas escritas no mesmo período, mas com critérios metodológicos que diferenciam da seleção a forma de abordagem dos textos. Coutinho estabelece no seu projeto, literatura *qua* literatura, somente elementos intrínsecos ao texto literário com um recorte que contempla da origem da literatura brasileira aos anos de 1950. Cândido, ao contrário, propõe a equação dos elementos extrínsecos e intrínsecos, e se dedica ao momento de formação da literatura.

Depois de sessenta e sete anos da publicação da história de literatura de Silvio Romero, Afrânio Coutinho de forma inovadora organiza em seis volumes **A Literatura no**

Brasil (1955). No primeiro volume, traz na introdução a apresentação dos caminhos metodológicos da sua pesquisa, bem como o panorama geral dos demais volumes que são organizados por períodos literários. No segundo volume, a Era barroca e a Era neoclássica são estudadas e, com elas, as implicações do período colonial, destacando um pequeno número de obras e autores (entre mais expressivos e menores). No terceiro volume, tem-se a Era romântica, momento em que se observa o esplendor da produção literária brasileira. Dividido em prosa e poesia, o volume destaca as implicações do Romantismo e seu projeto nacional. Os escritores engajados com a luta pela libertação dos escravos e a República. No quarto volume, a Era realista e a Era de transição. No quinto, a Era modernista. Finalizando a obra, no sexto volume encontram-se questões que tratam das perspectivas e relações da literatura brasileira contemporânea. **A Literatura no Brasil** tem por escopo o levantamento da história da literatura. Seu projeto pressupõe “uma conceituação e uma metódica” que deve expressar o desenvolvimento da arte, a partir de seus elementos próprios, respaldado por seus elementos intrínsecos.

Diferentemente da abordagem proposta por Afrânio Coutinho, Antonio Candido acredita que os estudos da história literária devem ser respaldados pela junção dos valores históricos, sociais e estéticos. “Este ângulo de visão requer um método que seja histórico e estético ao mesmo tempo, mostrando, por exemplo, como certos elementos da formação nacional (dado histórico-social) levam o escritor a escolher e tratar de maneira determinada alguns temas literários (dado estético)”. (CANDIDO, 1975, p.16).

Sua seleção se volta, especificamente, ao Arcadismo e ao Romantismo brasileiro. **Formação da Literatura Brasileira** está dividida em dois volumes: o primeiro abarca as produções de 1750 a 1836 e, o segundo, 1836 a 1880. Nessa delimitação, entre duas estéticas, entre dois momentos históricos, Antônio Cândido defende o momento de formação da Literatura brasileira, conforme o próprio título da obra indica. Candido aponta quatro grandes temas que definem o seu processo de formação: “o conhecimento da realidade local; a valorização das populações aborígenes; o desejo de contribuir para o progresso do país; a incorporação aos padrões europeus” (CANDIDO, p. 72, 1975). Esses quatro temas percorrem a escrita dos autores abordados no primeiro volume da **Formação da Literatura brasileira**. No Arcadismo, destacam-se Claudio Manuel da Costa, Feliciano Joaquim de Souza Nunes, Tomás Gonzaga, Basílio da Gama, Silva Alvarenga, Alvarenga Peixoto, Caldas Barbosa, Santa Rita Durão.

O segundo volume trata especificamente do Romantismo, dividindo-o em oito capítulos. No primeiro, a discussão posta é o indivíduo e a pátria; em seguida, o crítico elenca os primeiros românticos, o aparecimento da ficção, avatares do egotismo, o triunfo do romance, a expansão do lirismo, a corte e a província, e, por fim, a consciência literária.

Na aproximação entre as cinco histórias, aqui mencionadas, percebemos a variação do método de abordagem e seleção propostas em cada uma delas. Do positivismo histórico-social do século XIX, presente e determinante em Silvio Romero, chegamos ao século XX e, nele, o método encontra no estético sua justa medida, de forma ainda embrionária com José Veríssimo e, posteriormente, se consolida com Afrânio Coutinho.

Entender a função da história literária no programa de nacionalismo, instituidor de um cânone nacional, significa, para esse estudo, criar as condições necessárias para a análise do caminho percorrido por Rubens de Mendonça, no processo de formação da literatura de Mato Grosso. A história literária regional parte da afirmativa resistência ao cânone nacional; e, não menos relevante, ao desejo do “não apagamento” da produção literária das diferentes regiões marginalizadas.

2 ANTOLOGIAS: PRIMEIRO PASSO PARA UMA HISTÓRIA LITERÁRIA

Em estudo que visa discutir o processo de formação da literatura mato grossense, há de se questionar a inserção das antologias e a sua importância na literatura brasileira e, conseqüentemente, como ela se incorpora e ganha representatividade no percurso de pesquisa de Rubens de Mendonça. Para tanto, estabelecemos algumas considerações acerca do termo antologia, em seguida tratamos das compilações das primeiras antologias nacionais, para, enfim, tratarmos das antologias mato-grossenses.

Na prerrogativa de tentar delimitar o surgimento, a função e ao mesmo tempo significado do termo “antologia”, nos pautamos no trabalho desenvolvido por Janaína Guimarães Senna, que faz uma abordagem sobre o assunto desde seu significado etimológico até as suas primeiras manifestações, que datam antes de Cristo, e como essa prática de arquivo se desenvolveu no ocidente até chegar às antologias brasileiras organizadas nas cinco primeiras décadas do século XIX. Quanto à função desse tipo de texto, Senna (2006) aponta que entre os anos 100 e 80 a.C, Melêagro de Gadara, já reunia epígrafes gregas para deixar à posteridade.

A palavra antologia² etimologicamente se origina do grego *anthología*, de acordo com Ferreira (2009. p. 153), pode ser entendida, no primeiro momento, como um tratado acerca das flores. O segundo significado, que nos interessa, é coleção de trechos em prosa e/ou em versos. O termo “coleção”, implica diretamente no ato de selecionar analogicamente os textos.

O sentido do termo antologia literária nos moldes que conhecemos atualmente, se consolidou na Europa a partir do século XVIII. De acordo com Serrani (2008), essas antologias eram organizadas por editores e nomes de letras prestigiosos, as obras eram compiladas com base em levantamentos históricos. Até então, tinha-se somente o uso dessa palavra destinada à Antologia grega, sendo esse o primeiro material antológico publicado no ocidente. Nesse mesmo século, algumas antologias foram organizadas nos moldes modernos, conforme Senna (2006, p. 35) “Uma observação que dá bem a medida desta nova concepção é

² Segundo Ferreira (2009) as antologias podem se dividir em Analecto: recolhido, coleção de escritos, coleção de aforismo, ou ditos célebres; Crestomatia: estudos das coisas úteis; Florilégio: do renascimento, coleção de flores; Espicilégio: coleção metódica de documentos diplomas, etc.; Seleta: coleção de trechos literários escolhido das obras de vários autores, florilégio; Parnaso: coleção de poesia de vários autores.

o fato de as edições da Antologia grega que datam dos séculos XVIII e XIX alterarem a classificação original, temas e autores, passando a apresentar os textos em ordem cronológica”.

A partir dessas alterações, as antologias passam a apresentar um processo de evolução dos movimentos literários e, ao mesmo tempo, promovem o reconhecimento de obras e autores que a compõem. Novas funções vão sendo outorgadas às antologias, pois passam a representar uma coletividade, e ganham também um caráter pedagógico. “Mais do que um papel artístico, literário, a antologia se vê atribuir um sentido ideológico e se torna, com isso, um grande dispositivo pedagógico” (SENNA, 2006, p. 40).

Podemos afirmar que a compilação antológica, em vias gerais, se dá a partir do tripé seleção, organização e publicação³, que estão imbricados em dois pontos fundamentais para sua compilação: as fontes primárias e fontes secundárias⁴. Vale ressaltar que esses mesmos critérios de seleção se aplicam à história da literatura. Nesse sentido, a função do antologista está ligada ao ato de julgamento, sobre os critérios de seleção, conforme salienta Emmanuel Fraisse apud Senna (2006, p. 43): “Se antologia busca valorizar e preservar textos, ela não é pura conservação: ela continua sendo uma questão de olhar e memória que supõe que, para que certos objetos sejam conservados, outros sejam postos em segundo plano, e outros apagados.” Ao discorrer sobre os dois extremos (falta de memória/apagamento e o excesso de textos escritos) da materialidade da escrita, Chartier (2010, p.10) também ressaltava que “nem todos os textos escritos foram destinados a se tornar arquivos cuja proteção os defenderia da imprevisibilidade da história.” A relação entre Fraisse e Chartier nessa abordagem deixa evidente a seleção dos textos e como eles se inscrevem na memória, na história.

Percorrer o processo de produção das primeiras antologias brasileiras no século XIX nos permite entender como se deu a valorização e preservação dos textos literários remotos conforme o excerto para se preservar é preciso apagar. Na mesma medida e, não menos relevante, essas antologias sistematizam, enquanto seleção, uma história da leitura. Com relação à elaboração dos textos antológicos, Cândido, destaca que:

³ Seleção de textos e autores considerados de qualidade ou representativos do que se quer apresentar; a organização desse material selecionado em um ou mais volumes; a publicação desse(s) volume(s) para que o público a ele(s) tenha acesso.

⁴ Entende-se por fonte primária os textos selecionados para a compilação. As fontes secundárias, também conhecidas por paratextos são as informações adicionais (prólogos, prefácios, estudos preliminares, pós-fácios, bio-bibliografia). (SERRANI, 2008, p. 271).

[...] a função das antologias do tempo, que não eram, como hoje, seleção de obras conhecidas, mas repositórios de inéditos e raridades, doutra maneira inacessíveis. Leitores e críticos não tinham outra maneira de conhecer a maioria das obras, como se pode avaliar pela sua pobreza de conhecimentos, transparente nos esboços históricos que então se faziam do passado do passado literário. (CÂNDIDO, 1975, p. 349)

No Brasil, as antologias acabaram por apresentar o processo dos movimentos literários; por meios das antologias oitocentistas conseguiu-se garantir a edição, reedição, possibilitando o desenho de um mapa de formação do sistema literário brasileiro e, até mesmo, muito apreciadas pela crítica literária. Benedict apud Serrani, observa:

A antologia é um gênero discursivo que oferece muita informação sobre o modo em que se escreve e lê literatura e sobre o seu papel em uma cultura e épocas dadas e, como se sabe, o gênero contribui diretamente para formar e transformar cânones, confirmar reputações literárias e estabelecer ou interferir em práticas letradas de gerações de leitores. (SERRANI, 2008, p. 270)

Em meio aos burburinhos do Romantismo, ganha forças um grupo que pretende sistematizar a literatura brasileira do período colonial e, para isso, seria necessário resgatar as produções que precederam os românticos. As primeiras antologias da literatura brasileira foram organizadas no século XIX: a primeira é o **Parnaso Brasileiro**, de Januário da Cunha Barbosa (1829-1831); a segunda, **O Parnaso Brasileiro** é organizada por João Manuel Pereira da Silva (1843-1848) e, a terceira, o **Florilégio**, de Francisco Adolfo de Varnhagem (1850-1853).

Ao analisar esse conjunto antológico, Antonio Candido (1975, pp. 349-350) salienta que foi possível verificar um progresso de um autor para o outro, no que tange às seleções dos autores, a qualidade e quantidade de textos escolhidos, “revelando consciência crescente de valores, e esforço em constituir o elenco básico, o cânnon da nossa literatura”, que desde suas primeiras publicações causaram grandes discussões quanto à qualidade e seleção.

Com os estudos literários regionais, observamos em várias partes do país, uma tentativa de avaliação literária da produção não canonizada; isso indica um crescente movimento de reavaliação do cânnone. Fenômeno mais expressivo em regiões periféricas que

traduz-se dissonante em relação aos centros culturais no Brasil. À margem, algumas manifestações literárias vão explicitar esse fenômeno e esse “outro lugar”, na dimensão de miséria e violência. Entre cidade e sertão, entre retirantes e migrantes, o romance brasileiro a partir do século XX, mais fortemente a geração de 30, traz esse retrato de outros “brasis”. Paralelamente a esse movimento regionalista na prosa, explícito na produção de Graciliano Ramos e Raquel de Queiroz, dentre outros, surgem as primeiras histórias literárias regionais, numa franca proposição de uma história da literatura e da leitura.

Com o intuito de saber como se deu a formação literária em Mato Grosso, nos anos finais do século XIX e nos primeiros anos do século seguinte, nos pautamos no estudo das antologias, pois assim como na formação da história da literatura nacional, as antologias também demarcam os primeiros passos da formação da história da literatura do Estado, no que tange à recuperação do acervo literário mato-grossense. Notamos quão importante foi o empreendimento de Rubens de Mendonça ao publicar duas antologias de poetas mato-grossenses nas décadas de 40 e 50, antecipando a sua história da literatura, publicada em 1970.

A obra **Poetas Borôros** (1942) está organizada obedecendo uma sequência por períodos literários, numa perspectiva diacrônica. **Poetas Borôros** traz uma seleção de trinta e nove poemas, organizados uniformemente com o nome do poeta, em seguida um pequeno resumo biográfico com os dados de cada autor e, finalmente, o poema que varia entre as formas de soneto (27), quadras (3), cantiga (1), elegia (1) e poema de versos livres (7).

Enquanto o mundo se agitava nessa fase renovadora, anos depois de Marinetti haver lançado seu manifesto modernista e Graça Aranha tentar-lhe a reforma na Academia Brasileira de Letras, em Mato Grosso estávamos no período romântico. Os sonetos ainda ao sabor do Noivado do Sepulcro, de Soares de Passos, predominavam. Os nossos poetas rimavam vilancetes em pleno ano de graça de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1932.(MENDONÇA, p.171, 2005)

Constatamos a consciência de Mendonça sobre o distanciamento das produções Mato Grosso em relação ao nacional. No auge do Modernismo, as antologias de Rubens de Mendonça trazem as temáticas que se dividem no tratamento do amor, da solidão, da natureza, da metapoesia e a evolução da ciência, a cidade de Diamantino, a exaltação a um

nome nobre da sociedade. A seleção indica vários períodos literários da produção local, desde a poesia do período do Brasil colônia, chegando ao Modernismo com Lobivar Matos.

O conjunto de seleção apresenta trinta e cinco poetas⁵. Quanto à quantidade de poemas por autor, há uma regularidade de um poema para cada autor, que é rompida em Maria Arruda Mülher com duas poesias, duas poesias de José de Mesquita e três poesias de Otavio da Cunha Cavalcante.

Rubens de Mendonça dedica a sua obra aos seus amigos Cândido Fontoura, Gervásio Leite e Rosário Fusco, nomes nobres da sociedade mato-grossense. A apresentação ou apreciação da obra é feita por José de Mesquita, que inicia seu texto chamando-o de “Caro Rubinho”, deixando explícita a relação amistosa que havia entre eles. Na sua apresentação, Mesquita louva o ato do amigo com infindáveis elogios, e observa que desejara executar tal intento. Além disso, Mesquita assevera que por ser a primeira antologia do Estado, devia apresentar algumas incompletudes e imperfeições, porém, não faz nenhum apontamento crítico específico. Assim como as primeiras antologias nacionais, a seleção de poemas organizada por Rubens de Mendonça é composta por textos inéditos e raridades. Sobre essa questão Mendonça (2005, p.) afirma que, “há autores que não tiveram nenhum livro publicado”.

Com relação ao grupo selecionado para compor esse primeiro compêndio poético, podemos afirmar, a partir das informações catalogadas na historiografia de Rubens de Mendonça (2005) e em Lenine Póvoas (1994), que o grupo era composto por escritores de diferentes profissões: advogado, contador, desembargador, jornalista, juiz, professor, político; enfim, por servidores públicos dos mais variados escalões. Quanto à organização dos autores no livro, percebemos que estão postos de acordo com os períodos literários: Romantismo, Parnasianismo, Simbolismo e Pré Modernismo. A análise dessa antologia nos permite perceber um fenômeno muito comum na produção literária de Mato Grosso, que são as confluências dos movimentos literários do século XIX e XX.

⁵ José Zeferino Monteiro de Mendonça, Antonio Gonçalves de Carvalho, José Thomas de Almeida Serra, Amancio Pulcherio de França, Pedro Trouy, Alipio Serra, Frederico Augusto Prado d’Oliveira, João Nunes da Cunha, Luiz Terencio de Figueiredo, Antonio Tolentino de Almeida, Leonidas Antéro de Matos, Franklin Cassiano da Silva, D. Francisco de Aquino Correa, José de Mesquita, Arnaldo Serra, Otávio da Cunha Cavalcanti, João Vilasbôas, Alirio de Figueiredo, Oscarino Ramos, Lamartine Mendes, Luiz Feitosa Rodrigues, Ulisses Cuiabano, João Briene de Camargo, Maria Arruda Muller, João Jacob, José Raul Vilá, Rosário Congro, Carlos de Castro Brasil, Pedro medeiros, Gervásio Leite, Maria Ursula Santos Costa, Lobivar Matos, Euricles Mota, José Antônio da Costa, João Hamilton Rocha de Matos.

Realizadas as considerações gerais, nossas reflexões se voltam para o título da obra, que no primeiro momento já delimita o recorte de Rubens de Mendonça. Com o uso do substantivo “poetas” já se prepara para a leitura de poesias, mas ao usar o adjetivo “borôros” duas questões não de ser levantadas: a primeira nos remete, de imediato, aos primeiros habitantes desse solo, antes da chegada dos bandeirantes para a exploração. Os índios borôros se dividiam em dois grupos: os orientais e os ocidentais. Os orientais eram tidos como mansos, e rapidamente foram dominados pelos brancos, enquanto que os ocidentais eram temidos por suas resistências e pelas árduas batalhas que empenharam em defesa de suas terras. No intento de dar sentido ao adjetivo escolhido por Rubens de Mendonça, vamos nos apropriar do termo borôros, atribuído aos poetas, pela bravura e resistência em solo tão longínquo das grandes capitais culturais do Brasil dos séculos XIX e XX. Conforme Mesquita argumenta na apresentação da obra,

[...] nossas letras – “confinadas entre esses dois limites, arrastadas por esses pendores que ora as levam aos surtos heroicos dum Passado cheios de lances de glória e de bravura, ora as mergulham na tristeza das solidões sertanejas, mas sempre criando, no sortilégio eterno da Poesia, no prodígio divino da Arte, visões de encanto e de beleza, inspiradas por um auto senso humano, mas tocadas sempre de verdadeira, pura e sã brasilidade”. (MENDONÇA, 1942, p. 10. Grifo do autor)

Percebemos, a partir da apresentação de José de Mesquita, que havia uma preocupação por parte daquela geração em divulgar a cultura do Estado. Logo, podemos afirmar que Rubens de Mendonça desenvolveu um trabalho que promove e difunde a literatura local. Na afirmação de Mesquita, podemos verificar que nasce um desejo de nomear como literatura as letras produzidas em Mato Grosso. Para o crítico, essas letras traziam as condições suficientes de se projetar em outros espaços por ser composta pelo “senso humano” e por “pura e sã brasilidade”.

As antologias são as primeiras armas para manifestação e reivindicação de espaço cultural em dois momentos importantes para se entender o sistema literário em Mato Grosso. Essa mesma antologia é reeditada em 1946, trazendo pequenas alterações. A novidade da segunda edição é o acréscimo de outros poetas⁶, e a inserção da prosa⁷ em crônicas,

⁶ Palmiro Pimenta (“oasis do amor”); Manoel Cavalcante Proença (Xaraés); Benilde Moura (sonho); Rubens de Mendonça (“Os Borôros também são artistas” artigo, “Casalhos da ilusão” poesia).

⁷ Eurico Gaspar Dutra (“discursos do presidente Eurico Gaspar Dutra”); José Barbosa de Sá (crônicas do Cuiabá); José Manoel Siqueira – Padre (Descobertas dos martírios); Ricardo Frando de Almeida Serra (A

discursos, artigos, lendas e contos, a maioria desses textos de cunho histórico. Ainda, quanto ao conteúdo dessa reedição, cabe-nos ressaltar que Rubens de Mendonça aborda todos os poetas da primeira edição com exceção dos poetas José Antonio da Costa (“a desgraça”) e João Hamilton Rocha de Matos (“dia chuvoso”) que não aparecem na reedição. Com relação aos outros poetas, Mendonça mantém os mesmos poemas e acrescenta outros em verso e prosa: D. Francisco de Aquino Correa (“Erva de tapera”, “Serra da Chapada” - discurso); Oscarino Ramos (“S. João”, “A cruz de urbieta”); Ulisses Cuiabano (“o buriti solitário”, “Folclore matogrossense”); José de Mesquita (“diamantino”, “Ignota Déa”, “A corrida”); Maria de Arruda Muller (“a queimada”, “nosso lar”, “Sonata ao Luar”).

Dentre os artigos inseridos nessa segunda antologia destacamos o texto de Ulisses Cuiabano, “Folclore Matogrossense”, no qual o autor nos mostra um panorama dos trabalhos voltados ao estudo do folclore para anunciar que em Mato Grosso procurava-se meios de cultivá-lo:

Aqui, no longínquo oeste, rebuscando por entre as camadas populares, urbanas e rurais, ribeirinhas ou dos cerradões, as obras obscuras dos nossos anônimos caipiras, se agigantam, com amor pelas nossas coisas regionalistas. J. Bonifácio de Albuquerque, José de Mesquita, Arnaldo Serra, D. Aquino Correia, Lamartine e Francisco Mendes, Deocleciano Martins, Luiz Feitosa e outros. E por entre garimpeiros e pescadores, poaieiros e caçadores, vaqueiros, seringueiros e tripulantes de igarités, vão pesquisar temas interessantes que fotografam em versos melodiosos ou em prosa sem jaça, e assim vão construindo a trama original de cantos e de contos, de sabor tropical e palpantes emoções. (MENDONÇA, p. 105, 1946)

capitania de Mato Grosso); Augusto de Leveger (Invasão paraguaia); Ernesto Camilo Barreto – padre (Agora a tomada de Corumbá); Antonio Correia da Costa (os predecessores dos Pires de Campos e Anhangueras); Caetano Manoel de Faria Albuquerque (Riquezas de Mato Grosso); Manoel Esperidião da Costa Marques (Vila Bela); Antonio Vieira de Almeida (Conversão); Firmo Rodrigues (A Cavalhada); João Barbosa de Faria (conquista do território matogrossense); Candido Mariano da Silva Rondon (A influência de Cuiabá na formação política de Mato Grosso); Estevão de Mendonça (o milagre); Antonio Fernando de Souza (11 de julho); Isac Póvoas (general Rondon) discurso; Filogônio de Paula Correa (porque me ufano do meu estado); Virgílio Alves Correa Filho (Rechaço de D. Lazaro); José Jayme Ferreira de Vasconcelos (A poesia o seu renascimento); Olegário Moreira de Barros (A semente de ouro); Cesário Corrêa da Silva Prado (Ontem-Hoje-Amanhã); Nilo Póvoas (Lição VI) artigo sobre poesia; Francisco A. Ferreira Mendes (puseira de nossa senhora da Conceição) lenda Diamantinense; Generoso Ponce Filho (o pantanal); Frederico Augusto Rondon (Vila Bela); Antonio Cesário de Figueiredo Neto (O quadro de Zeuxis); João Ponce de Arruda (discurso paraninfal); Arquimedes Pereira Lima (garimpos & garimpeiros); Luis Felipe Pereira Leite (A proclamação da Republica) discurso; João batista Martins de Melo (O preto do pistão).

Notamos que, ao se referir às “nossas coisas regionalistas”, há uma preocupação do autor em demarcar o território mato-grossense e suas particularidades. Antes de se referir à produção local, Ulisses Cuiabano destaca os precedentes dos estudos relacionados ao folclore, lamentando não constar, entre os brasileiros folcloristas, o nome de Feliciano Galdino, pois esse era um amante do folclore mato-grossense.

Outro texto que merece destaque sobre a consciência da produção regional é de autoria de Nilo Póvoas, Lição VI. Nele há uma explanação sobre a criação poética e seus diferentes gêneros. Póvoas finaliza seu texto afirmando que “A nossa literatura regional apresenta já um bem avultado número de exímios cultores da poesia, que em nada desmerecem a turba formidável de poetas citados nos compêndios de Literatura Nacional” (MENDONÇA, 1946, p. 121). Entre os exímios poetas mato-grossenses, Nilo Póvoas cita os nomes de Dom Aquino, José de Mesquita, Alírio de Figueiredo, Oscarino Ramos, Lamartine Mendes, Ulisses Cuiabano, Franklin Cassiano, Antonio Tolentino, Leônidas de Matos, Cavalcante de Melo, Otávio Cunha, Briene de Camargo, entre outros.

Destacamos ainda da **Antologia Borôro** (1946), o texto do próprio Rubens de Mendonça “Os bororos também são artistas”, no qual o autor faz um levantamento da atual situação da literatura no Brasil com o Modernismo, classifica as produções literárias de Mato Grosso como românticas, mas deixa evidente o movimento de reforma e evolução nas letras mato-grossenses na década de 30.

Na literatura, Mendonça destaca Gervásio Leite, Perí Alves Campos, Cecílio Rocha, Pedro Medeiros, Euricles Mota, Henrique Vale, Lobivar Matos, João Baptista Martins de Melo, Odilo Silva, Arquimedes Lima e João Ponce de Arruda. Na pintura sobressaem Corsíndio Monteiro e Inês Corrêa da Costa. Na música é Bernardo Gondin, o nome selecionado por Mendonça. No teatro Mario Salaberry e na escultura Ernani Serejo e Alda de Matos.

Rubens de Mendonça também justifica a não inclusão de Mato Grosso no cenário nacional e deixa evidente a produção cultural do estado. “Embora Mato Grosso, pela sua posição geográfica, se ache distante dos centros culturais do país, é como no dizer do historiador Estevão de Mendonça “uma terra de surpresas [...]”. Percebemos em todos esses textos a ansiedade de se fazer conhecido, de apresentar os produtores intelectuais dessa região. Há, na seleção da antologia, a base de formação do sistema literário do estado.

A antologia **Poetas Mato-Grossenses**, que antecede a história literária de Rubens de Mendonça, tem como texto de abertura a “Evolução Literária de Mato Grosso” e o primeiro texto mencionado é a ata de 08 de abril de 1719, na sequência, são elencados as crônicas e relatos de viagem. Com relação à poesia, podemos verificar que houve o acréscimo de alguns nomes⁸, permanecendo os poetas que já vinham sendo mencionados desde a primeira antologia, alguns com os mesmos poemas, outros, lhes foram acrescentados novos poemas ou substituídos. Os poemas foram organizados pela data de nascimento de seus poetas, com divisão em duas partes: a primeira, de 1740 a 1899; a segunda, de 1904 a 1930.

Ao pesquisarmos a produção literária de Rubens de Mendonça, percebemos sua preocupação em apresentar uma metodologia que convalidasse todo o seu esforço em apresentar uma história da literatura, essa metodologia se dá desde o seu primeiro texto **Aspecto da Literatura Mato-Grossense** (1937), perpassa pelas antologias e desagua na **História da Literatura Mato-Grossense** (1970).

⁸ Antonio Claudio Soido (“A menina oriental”, “milagre”); Antônio Augusto Ramiro de Carvalho (versos para o dia 02 de dezembro); Manoel Ribeiro dos Santos Tocantins (ao ilustre tenente coronel Anastácio Meonteiro de Mendonça); Armino Maria de oliveira- padre (“A imaculada Conceição); Fábio Monteiro de Lima (“vesperal”); Indalécio Leite proença (“trova”, “Cajuada”); Sóter Caio Araújo (“ antes do exame”); Carlos Vandoni de Barros (“o cururu”, “aguaçu”); Clodoaldo D’Alincourt Sabo de Oliveira (“os Hunos”, “ fitando o crescente”); Celestino Correia Pino (“noite da alma”); Gabriel Vandoni de Barros (“tabor”); Hélio Serejo (“Caco Véio”); Jari Gomes (“aspiração de Poeta”); Henrique Rodrigues Vale (“o mal”, “o irremediável”, “dúvida”, “o cactus”); Manoel de Barros (“Dorowa”); Corsindio Monteiro da Silva (“nectar da vida”); João Antonio Neto (“o surdo, o cego, o mudo”, “temporal propício”); Alcestre de Castro (“velhor farol que espia de um rochedo os que vêm...”); Wanir Delfino César –Padre (“mês de maio”); Newton Alfredo de Aguiar (“para os que não podem ser humanos”); Francisco Leal de Queiroz (“os nossos sentidos são banco publicos”); Amalia Verlangiere (“luar”)

3 A SISTEMATIZAÇÃO DA LITERATURA MATO GROSSENSE

A história literária brasileira apresenta duas perspectivas: uma homogênea e integrada ao discurso nacional; outra que, pela fragmentação regional, revisita o conceito de literatura brasileira, e o reelabora considerando seus vários sistemas, apontando sua diversidade e heterogeneidade. A literatura mato-grossense, de Rubens de Mendonça, sistematiza um contradiscurso ao cânone, ao trazer um conjunto de produções do estado de Mato Grosso. As histórias literárias que procuram o registro da região, marcando sua diferença e identidade, não é um fenômeno recente e exclusivo de Mato Grosso, conforme Vilalva:

Contrário a esse registro da história literária nacional ocorre o fenômeno de publicação de historiografias locais, desde 1908. A primeira a ser publicada é a *Literatura Sergipana*, de Leônidas Prado Sampaio, em 1908; em seguida Vicente de Carvalho publica *A Literatura Paulista*, em 1912, em que indica caminhos de interpretação sobre a discussão de identidade; João Pinto Silva publica a *História Literária do Rio Grande do Sul*, cuja primeira edição é de 1924 e a segunda de 1930; Dolor Barreira publica a *História da Literatura Cearense*, em 1948; *A História da Literatura Baiana* é publicada por Pedro Calmon, em 1949; a *História da Literatura Mato-grossense*, em 1970, por Rubens de Mendonça e, posteriormente, especificamente em Mato Grosso, duas outras historiografias: *História da cultura mato-grossense*, em 1980, de Lenine Póvoas e a *História da literatura de Mato Grosso: século XX*, de Hilda Gomes Dutra Magalhães, em 2001. (VILALVA, 2008, p. 13-14)

A história literária regional registra uma inquietação. Traz traços do passado da região. Nisso projeta uma memória literária, um passado tanto histórico, social, quanto político. Como contradiscurso, *inscreve* uma história, no sentido proposto por Chartier (2007), e reconhece e registra um patrimônio: “Para não deixar esquecer”. A história literária regional compõe, interpreta, a identidade da região, na sua singularidade.

A história literária regional ao integrar a produção de escritores desconhecidos, formula um sistema literário paralelo, um sistema regional, da literatura brasileira. A literatura mato-grossense, por exemplo, nasce das compilações antológicas e chega à estrutura de história literária. Cria-se, no interior do país, na fronteira entre as regiões, novos sistemas literários, como força legitimadora de produção artística local.

A partir do trabalho desenvolvido por Rubens de Mendonça sobre a produção literária de Mato Grosso, observamos que o fenômeno da história literária regional surge com a missão de cultivar e repassar, a diferentes gerações, suas manifestações culturais. O conceito de

patrimônio desenvolvido por Chartier em **Inscrever e Apagar** (2007) faz pensar a partir da noção de “forma de conservação”, a história literária, como material, objeto escrito, inserido nas práticas que o produz, desloca fronteira e traça a literatura. Nesse traço, desenho de uma memória literária, forma-se um conjunto de interpretação da cultura, da história. Cada nova história literária realiza o movimento constante de inscrever e apagar. Eis o fenômeno da história regional. Cosson (1998, p.86, *apud* Santos (2012, p.49), afirma que “o regionalismo é sempre duplamente entendido como a busca da identidade brasileira através do específico regional e como representação literária de uma determinada região do país.”

Etimologicamente o termo regionalismo⁹ significa “caráter da literatura que se baseia em costumes e tradições regionais”, logo entende-se por regional características “relativo a, ou próprio de uma região/local”. Essa definição de regionalismo apontada por Ferreira (2009), nos remete à grande problemática do termo, principalmente no que se refere aos estudos da literatura brasileira. Todavia, direcionamos nossas reflexões sobre o regionalismo no sentido de reconhecimento e legitimação; abandonamos, assim, todos os demais conceitos que pesam sobre o termo regionalismo e que limitam as produções regionais a “cores locais”, “costumes e tradições”.

Ao tratarmos as histórias da literatura como regionais, estamos, em primeiro momento, estabelecendo que determinada região (espaço/lugar) produz literatura. O que não significa que essa produção se circunscreva somente aos elementos ou temáticas locais.

O discurso regionalista é um discurso *performativo*, que tem em vista impor como legítima uma definição das fronteiras e dar a conhecer e fazer reconhecer a *região* assim delimitada – e, como tal, desconhecida – contra a definição dominante, portanto, reconhecida e legítima, que a ignora. (BORDIEU, 2001, p. 116)

É nesse percurso de *discurso performativo* que estamos entendendo o fenômeno das histórias literária. Se o conceito de “região” faz marcar o lugar de onde “enuncio”, a identidade colocada em evidência, oficializada, reinventa espaço em disputa. Para Bordieu,

[...] o que está em jogo é o poder de se apropriar, se não de todas as vantagens simbólicas associadas à posse de uma identidade legítima, quer dizer, suscetível de ser publicamente e oficialmente afirmada e

⁹ De acordo com Ferreira (2009), regionalismo (regional + -ismo) significa a 1.doutrina que incrementa os agrupamentos regionais. 2 Sistema ou partido dos que defendem os interesses regionais. 3 Locução peculiar a uma região, ou a regiões

reconhecida (identidade nacional), pelo menos as vantagens negativas implicadas no facto de já estar sujeito a ser avaliado ou a avaliar-se (pondo-se à prova na vergonha ou na timidez ou procurando acabar com o velho homem mediante um esforço incessante de *correção*) em função dos critérios mais desfavoráveis. (BORDIEU, 2010, p. 125)

A história literária disputa um espaço na afirmação de uma identidade, de uma memória literária. O método traz um critério de julgamento que se estabelece com os mesmos mecanismos ideológicos que produziu a história nacional. A estrutura diacrônica da história literária, estabelecendo um passado de origem, nos possibilita a consciência de processo e de um esforço em dar fisionomia ao passado.

O discurso regional da história literária marca a disputa por um espaço de significação. Isso só pode ocorrer quando a região está à margem do sistema nacional. Em uma abordagem que diverge da nossa, mas que todavia comunga na ideia de regionalismo, Luciana Murari trata o regionalismo como um intermediário:

O regionalismo se concretizava, portanto, como um intermediário entre as identidades locais e a identidade nacional, ele mesmo criador de um núcleo identitário que se vincula, em última instância, à esfera político institucional das unidades federativas. No Brasil, outros regionalismos viriam a ser definidos como paulista, mineiro, cearense, pernambucano, ou matogrossense. (MURARI, 2008, p. 05)

Para perscrutar a produção da literatura de Mato Grosso, fez-se necessário observar as obras **História da Literatura Mato-Grossense** (1970) de Rubens de Mendonça, **História da Cultura Matogrossense** (1980) de Lenine C. Póvoas e **História da Literatura de Mato Grosso: século XX** (2001) de Hilda Gomes Dutra Magalhães. Nessas obras, estão os nomes que fomentaram a produção literária local desde o século XVIII. Vale ressaltar que anteriormente a essas publicações foram os periódicos¹⁰ que mantiveram acesa a chama da literatura no estado. Vamos apresentar essas três obras no sentido inverso da ordem cronológica de suas publicações, a começar com a história de Hilda Dutra Gomes Magalhães, em seguida trataremos do trabalho de Lenine Póvoas e, finalmente, a **História da Literatura Mato Grossense**.

¹⁰ Themis Matogrossense (1839); Cuiabano Oficial (1842); A Gazeta Cuiabana (1847); Eco Cuiabano (1848); O Noticiador Cuiabano (1857); A Imprensa de Cuiabá (1859- 1865); A Situação (1869 -1889); O Porvir (1877 - 1878); A opinião – (1878-1880); O Iniciador – (1879-1886); A Província de Mato Grosso (1879 -1889); O Corumbaense – (1881-1889); Club Literário – (1882); Pylilampo (1882); O Sertanejo – (1897); O Jasmim (1897) entre outros. (POVOAS, 1980, p. 53-57)

No início do século XXI, temos a publicação da **História da Literatura de Mato Grosso: século XX** (2001), de Hilda Gomes Dutra Magalhães. A metodologia adotada por Magalhães difere de Rubens de Mendonça (1970) e de Lenine Póvoas (1980). Hilda defende o método estrutural e conteudístico de sua seleção. “A nós nos interessa compilar a história da literatura de Mato Grosso buscando enfatizar as características estruturais e conteudísticas que a legitimam enquanto diferença no cenário literário nacional”. (MAGALHÃES, 2001, p. 16). O trabalho de Magalhães apresenta elementos novos nos estudos da história literária mato-grossense. O critério de seleção dos textos indica o recorte do século XX. O método é diferente, em relação ao trabalho de Rubens de Mendonça, considerando a seleção e o julgamento. As duas histórias respaldam a abordagem histórico-social, mas Hilda volta-se aos aspectos intrínsecos ao texto, conforme Antônio Candido defende.

Este ângulo de visão requer um método que seja histórico e estético ao mesmo tempo, mostrando, por exemplo, como certos elementos de formação nacional (dado histórico-social) levam o escritor a escolher e tratar de maneira determinada alguns temas literários (dado estético). (CANDIDO, 1975, p.16)

Para completar essa dicotomia, Compagnon (2010), ao tratar a obra de arte como monumento e documento, afirma que são formas paralelas de avaliação de um sistema literário. Nesse processo, se considera dois pontos de vistas: 1) o sincrônico (monumento) e, 2) o diacrônico (documento); ou seja, a produção deve ser analisada a partir da simultaneidade do seu conteúdo estético, fazer-se contemporânea e, ao mesmo tempo, se levar em consideração as séries cronológicas que ela integra no processo histórico social.

A história literária de Hilda Gomes Dutra Magalhães está dividida em cinco capítulos: no primeiro, a autora apresenta o percurso de sua pesquisa delimitando os conceitos sobre “história/historiografia”; “literatura regional” e “literatura mato grossense”. O conceito de história adotado por Hilda se pauta em Giambatista Vico que justifica sua abordagem pautada nas observações espaço/tempo, reafirmado ao conceito de regional, quando a mesma aponta esses aspectos nas obras selecionadas. Concordamos com a afirmativa “[...] quando nos referimos a textos como sendo regionais, não estaremos reduzindo-os à categoria de simples documentos geográficos-culturais”. (MAGALHÃES, 2001, p. 18). Todavia, discordamos do conceito de regionalismo, postulado em José Nogueira de Moraes. Para o crítico, termo regional é apenas recurso didático. Hilda traz na introdução uma definição de literatura mato-grossense:

[...] entendemos por literatura mato grossense os textos escritos por autores que nasceram em Mato Grosso ou que nele residem (ou tenha residido), contribuindo para o enriquecimento da cultura do Estado. Por “Mato Grosso” entendemos o estado indiviso até a década de 1970, após o que, levamos em conta apenas a unidade do norte [...] (MAGALHÃES, 2001, p. 18)

O conceito de literatura mato-grossense de Magalhães, nos remete a questão sobre pertencimento, discutida na abordagem de Silvio Romero ao limitar “quais autores”, “quais produções” seriam considerados brasileiros em sua história. Eis que o mesmo critério que definiu a literatura nacional aparece revigorado para definição do regional.

O segundo capítulo se divide em três partes: primeiro, Magalhães trata dos estudos historiográficos que a antecedem, em seguida, aponta a situação do teatro no estado de Mato Grosso nos séculos XVIII e XIX, sendo esse o período áureo do teatro nos confins do oeste brasileiro. Para finalizar o primeiro capítulo, a autora apresenta sua “seleção de textos e autores”, pautados em Dom Aquino, José de Mesquita, Zé Capilé, Aprígio dos Anjos, Indalécio Proença e Arlinda Morbeck. Ressaltamos que exceto Arlinda Morbeck, todos os autores dessa década aparecem também na seleção de Rubens de Mendonça; o que indica a defesa de um sistema literário mato-grossense.

Os três últimos capítulos do estudo de Magalhães estão organizadas de forma padronizada com a seguinte estrutura: introdução¹¹, seleção dos textos e autores e outros autores. O conjunto de sua seleção está organizado entre as décadas de 1930 a 1990. Cada capítulo se divide nas décadas de 1930 e 1940, 1950 e 1960, 1970 a 1990. Dessa seleção, são destacados entre três e seis autores organizados por decênios, em cada capítulo. Cada capítulo é concluído com um subtítulo “outros autores”; nele aparecem os autores “menores”, cujas obras merecem apenas o registro histórico.

A estrutura de organização da história literária, não raro, indica um método com base cronológico. “[...] Podemos escrever história literária pelo calendário – por séculos, por décadas, ou por anos, como quem escreve uns anais” (WELLEK;WARREN, s/d, p. 328). Se prevalece o cronológico, a história literária deixa de empregar significado, e sua a função torna-se em fixar limites temporais.

¹¹ Em todas as introduções Magalhães aborda o contexto de Mato Grosso, a partir de elementos extraliterários.

Nos estudos das décadas de 1930 e 1940 destacam-se Hélio Serejo, Rubens de Mendonça, Tertuliano Amarilha, Lobivar de Matos, Manoel de Barros, Silva Freire. Além desses nomes que receberam um tratamento adjetivado para suas produções, seguem-se outros autores no final do capítulo. Poderia se somar a esses nomes Alfredo Marien, que escreve um único romance **Era um Poaieiro**, publicado em 1940, em folhetim e, posteriormente, publicado em livro; sobre esse romance, já se desenvolveram várias pesquisas, porém nenhuma das histórias literárias do estado o mencionam. **Era o poaieiro** foi reeditado em 2008 como parte de um conjunto de livros da coleção **Obras Raras**¹². O sexteto eleito para representar a década de 1930 e 1940 também são classificados como pré-modernistas, por Rubens de Mendonça.

Destacam-se na década de 1950 e 1960, Manoel Calvante Proença, Wladimir Dias Pino, Ricardo Guilherme Dicke. Com relação a tríade selecionada para representar essa década, podemos dizer que são nomes que atualmente se tem projetado como grandes representantes da literatura local. Nomes como Manoel Cavalcanti, Manoel de Barros e Wladimir Dias Pino são mencionados por Alfredo Bosi em sua *História Concisa da Literatura Brasileira* (2006).

Nos três decênios que se seguem, Magalhães seleciona Marilza Ribeiro, Tereza Albus, Padre Antonio Pimentel, Pedro Casaldáliga, Acllyse de Mattos, Hilda Gomes se insere, como autora, deixando seu nomeistrado, junto a uma grande lista de outros autores como o de Lucinda Nogueira Persona, Dunga Rodrigues. No que se refere à estrutura da história literária, a abordagem se dá uniformemente, com algumas informações sobre a biografia e as publicações, na sequência os comentários que escreveram sobre o autor; em seguida, os fragmentos das obras. Para os escritores, que escreveram em verso e prosa, há sempre o esforço da autora para registrar as duas modalidades de textos.

O livro de Magalhães, em primeiro momento, reforça o sistema literário e contribui com o desenvolvimento da literatura do estado de Mato Grosso, pois a publicação de Rubens

¹² A coleção **Obras Raras da Literatura de Mato-Grossense** (2008) é o resultado do projeto de pesquisa “Difusão da Literatura Mato-Grossense” realizado pela professora Walnice Vilalva. A coleção é composta por sete volumes que variam em romances, poesias e crônicas, sendo eles: **Luz e Sombras** (1917) de Feliciano Galdino de Barros, considerado até os dias atuais como o primeiro romance escrito por um mato grossense; **Mirko** (1927) de Francisco Bianco Filho; **Areôratore** (1935) e **Sarobá** (1936) de Lobivar Matos; **Piedade** (1937) de José de Mesquita; **Era um Poaieiro** (1944) de Alfredo Marien; **Vozes Femininas** (2008) de Amália Verlangieri, Arlinda Morbeck e Vera Randazzo; **Caçadores de Diamantes** (2008) de Luis Sabóia Ribeiro.

de Mendonça se limita a década de 1970, enquanto que Hilda avança até a década de 1990, evidenciando que a “[...] a literatura não consiste apenas numa herança, num conjunto cerrado e estático de textos inscritos no passado, mas apresenta-se antes como um ininterrupto processo histórico de produção de novos textos.” (AGUIAR E SILVA, 2007, p. 14). Esse movimento demarca que a produção literária no Estado não se estagnou; pelo contrário, há quantidade e há qualidade estética.

O trabalho desenvolvido por Hilda Dutra Gomes Magalhães é de singular importância nos estudos sobre a produção da literatura de Mato Grosso, pois sua obra apresenta um avanço com relação a primeira história literária, considerando um contexto histórico definido, a biografia apresentada com regularidade, aponta as fontes e referenciais. Os fragmentos da obra selecionada são coerentes com a temática. E sua avaliação apresenta critérios estéticos pautados, diretamente, no texto literário. Todavia, os vários questionamentos sobre o julgamento aparecem, ao enfatizar as características de alguns autores, em obras específicas, generalizando o todo de suas produções.

Certamente podemos ser questionados quanto à inserção do livro de Lenine Póvoas nessa abordagem, uma vez que seu livro **História da Cultura Matogrossense**, não é uma história da literatura, como o próprio título indica. A inserção desse trabalho, nessa discussão, ocorre, pois sua seleção traz alguns nomes não mencionados por Mendonça.

Depois do intervalo de um decênio de publicação da primeira história da literatura de Mato Grosso, Lenine C. Póvoas publica o livro **História da Cultura Matogrossense** (1980) com seguinte dedicatória: “Às novas gerações matogrossenses para que se orgulhem da herança cultural que receberam”. Notamos o intento memorialístico, em reconhecimento ao um patrimônio que deve ficar para posteridade. Aliás, essa ância de promover um patrimônio cultural é nítida na geração de Lenine Póvoas e Rubens de Mendonça.

O livro de Póvoas (1980) está dividido em dezoito capítulos e elenca as primeiras manifestações culturais do estado de Mato Grosso, tendo como ponto de partida o século XVIII, com o ciclo das crônicas, em seguida aborda as investigações científicas que perduraram entre o final do século XVIII, e, início do século XIX; o teatro, as associações culturais, as instituições de ensino e a imprensa também ganham destaque como formadores da cultura de Mato Grosso.

Na época positivista, as dificuldades e os melindres do estabelecimento do conceito da literatura foram simplistas e radicalmente suprimidos, ao aceitar-se como literatura, seguindo talvez a etimologia oferecida pelo vocábulo,

todas as obras, manuscritas ou impressas, que representassem a civilização de qualquer época e de qualquer povo, independentemente de possuírem, ou não, elementos de ordem estética. (SILVA, 2007, p. 14)

A **História da Literatura Mato Grossense**, foi a primeira obra que nos permitiu olhar para um conjunto de textos que apontam o desenvolvimento da literatura local. Rubens de Mendonça¹³ representa parte da luta dos intelectuais, no início do século XX, para sustentar e promover a produção literária do Estado; soma-se a ele Gervásio Leite, José de Mesquita, Euricles Mota, Lobivar Matos, entre outros.

Toda produção¹⁴ de Mendonça, na poesia, na crítica, no jornalismo está pautada em traços, ora históricos e culturais. É válido ressaltar que havia nos intelectuais, desse período, que fomentavam essa literatura uma consciência da evolução da literatura em um contexto geral, principalmente, no contexto brasileiro, como podemos verificar no fragmento abaixo.

A literatura de cada povo é ao mesmo tempo nacional e internacional. Nacional no sentido de que assenta no idioma, no que de mais seu povo pode criar, e neste sentido ela sempre será e deverá ser nacional, internacional, porque recebe as concorrentes espirituais, que lhe chegam de outros povos, as retém, as utiliza e as passa adiante. (Alere, 2010. p.101)

¹³ Rubens de Mendonça, cuiabano, nasceu a 27 de julho de 1915 e faleceu em 03 de abril de 1983, filho de Estevão de Mendonça e de D. Etelvina Caldas de Mendonça, foi poeta, escritor, jornalista profissional e, principalmente, historiador.

¹⁴ **Aspectos da Literatura Mato-Grossense** (1938); **Garimpo do Meu Sonho** (versos). Tipografia Calhão (1939); **Álvares de Azevedo, O Romântico Satanista**. Tipografia Evangelista (1941); **Poetas Bororos (Antologia de Poetas Mato-Grossenses)**. Escolas Profissionais Salesianas (1942); **Cascalhos da Ilusão** (versos). Escola Industrial de Cuiabá (1944); **Os Mendonças de Mato Grosso (Estudos Genealógicos)**. Escola Industrial de Cuiabá (1946); **Discurso de Posse na Academia Mato-Grossense de Letras**. Escola Industrial de Cuiabá (1946); **No Escafiandro da Vida** (versos). Escola Industrial de Cuiabá (1946); **Antologia Bororo**. Editora Guaíra Ltda. Curitiba- Paraná (1946); **Gabriel Getúlio Monteiro de Mendonça**. Escola Industrial de Cuiabá (1949); **História do Jornalismo em Mato Grosso**. Departamento de Cultura de São Paulo (1951); **Roteiro Histórico & Sentimental da Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá**. Escola Industrial de Cuiabá (1952); **Álbum Comemorativo do 1º Congresso Eucarístico de Cuiabá**. Gráfica Editora Aurora Limitada. Rio de Janeiro (1952); **Dicionário Biográfico Mato-Grossense**. Gráfica Mercúrio. São Paulo (1953); **Dom Pôr do Sol** (versos). Editora Sarã. Cuiabá (1954); **Roteiro Histórico & Sentimental da Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá**. (2ª edição) Gráfica Mercúrio. São Paulo (1954); **Poetas Mato-Grossenses. (Antologia de Poetas Mato-Grossenses)**. Gráfica Mercúrio. São Paulo (1958); **A Presença de Estevão de Mendonça (Discurso Paraninfal)**. Editora Sarã. Cuiabá (1959); **História do Jornalismo em Mato Grosso (2ª edição)**. Imprensa Oficial do Estado de Mato Grosso- Cuiabá (1963); **Bilac. O Poeta da Pátria (Conferência)**. Cuiabá (1965); **A Espada que Unificou a Pátria**. Cuiabá (1966); **O Tigre de Cuiabá**. Gráfica de livreria Ruy Barbosa. Campo Grande (1966); **História de Mato Grosso**. São Paulo (1967); **Estórias que o Povo Conta (Folclore)**. Imprensa Oficial do Estado de Mato Grosso (1967); **Ruas de Cuiabá**. Editora Cinco de Março. Goiânia- Goiás (1969); **História do Poder Legislativo de Mato Grosso**. 2 Volumes. Gráfica Editora Bandeirante Ltda. Bauru-São Paulo (1969); **Sagas e Crendices da Minha Terra Natal**. Editora Ave Maria. São Paulo (1970); **História da Literatura Mato-Grossense**. Editora Rio Bonito. Goiânia-Goiás (1970).

Podemos inferir, então, a evidente preocupação do intelectual ao se dispor na luta incessante para organizar e divulgar as produções mato-grossenses. O percurso da produção de Rubens de Mendonça no processo de sistematização/ formação da literatura mato-grossense se desenvolve a partir dos textos **Aspectos da literatura Mato Grossense** (1935); **Poetas Bororos (Antologia de Poetas Mato Grossenses)** (1942); **Antologia Bororo** (1946); **Poetas Mato-Grossenses (Antologia de Poetas Mato Grossenses)** (1958) e **História da Literatura Mato-Grossense** (1970), além, de inúmeras publicações em periódicos que circularam no estado, nas primeiras décadas do século XX.

A consciência dos intelectuais mato grossenses sobre a situação da literatura em vias gerais, evidencia-se no texto **Aspectos da Literatura Mato-Grossense**. O autor recorre a Ronald de Carvalho para dizer “Um povo sem literatura seria, naturalmente, um povo mudo, sem tradições e sem passado, fadado a desaparecer como reles planta rasteira nascida para ser pisada” (MENDONÇA, 2010, p.101).

Ao se reportar a Ronald de Carvalho para fortalecer sua discussão sobre uma literatura regional, Rubens de Mendonça faz ecoar os sentimentos pela terra e pelo povo mato grossense. As histórias regionais se proliferam assimilando o discurso nacional para defender o regional. Como contra discurso, esse projeto de Literatura Brasileira, afirmado desde Silvio Romero, chegando em Antonio Candido e Afrânio Coutinho, é revisto na sua heterogeneidade, pluralidade cultural e estética, como forma de combater o esquecimento de obras consideradas importantes. Mais que se sentir representado como povo mato grossense e ou brasileiro, predomina a preocupação com o registro, a seleção da produção de obras julgadas importantes. O adjetivo “mato-grossense”, para definir uma literatura, foi inaugurado por Mendonça no texto de conferência pronunciada na primeira Hora Literária do “Grêmio Alvares de Azevedo” em 23 de maio de 1937 “[...] não me silenciarei a cultura **mato-grossense** em outros ramos e variados aspectos” (grifo nosso).

A **História da Literatura Mato-grossense** apresenta a sistematização da literatura local, com a mesma metodologia da história literária tradicional, pois adota os conceitos de época e período, e, aponta um sentido de evolução literária linear, cujo suporte é a própria história, respaldada pelas transformações sociais, políticas e culturais.

Percebemos que as considerações de Rubens de Mendonça, na compilação dessa obra, traz a consciência de um desenvolvimento literário aliado aos acontecimentos políticos, assim

como se deu nos âmbitos nacionais. Sua estrutura consolida a ideia de sistema literário em Mato Grosso. Sobre essa questão,

[...] as múltiplas variações impostas aos textos por preferências, hábitos ou erros daqueles que o copiaram, compuseram ou revisaram não destroem a ideia de que uma obra conserva uma identidade perpétua, imediatamente reconhecível por seus leitores ou ouvintes. (CHARTIER, 2007, p.13)

A materiedade do texto literário é um dos grandes legados de Rubens de Mendonça no processo de busca pela preservação da identidade. A instituição da indentidade local é demarcada logo no primeiro capítulo, quando Mendonça inicia sua história literária com a ata de 08 de abril de 1719; nesta escolha, é possível perceber o discurso de fundação de uma literatura localizada às margens do Brasil: “o primeiro documento escrito em língua portuguesa, **nestes confins do Oeste da Pátria**” (MENDONÇA, 2005, p. 21. Grifo nosso), o sintagma negrito indica a afirmação do termo “confins” que antecipa algumas características sociais e históricas desde o período colonial brasileiro: uma região que se desenvolve à margem.

Nesse primeiro texto, de modo tácito, percebemos em sua estrutura algumas semelhanças em relação às primeiras histórias da literatura nacional, quanto ao critério de seleção dos textos, que tiveram como base o documento de fundação, as cartas e crônicas de viagem, dimensionando a existência de uma terra. As crônicas descrevem um Mato Grosso em formação, com suas riquezas naturais e culturais, e a mistura do imigrante e com os nativos.

Temos consciência do hiato temporal e metodológico existente entre a história literária nacional e a história literária local, demarcada pelo adjetivo que especifica uma região. O que estamos afirmando são os ideais explícitos nessas obras que cronologicamente se apresentam em momentos diferentes, todavia com discursos tão semelhantes. Desde Silvio Romero tem-se como princípio a formação de uma literatura independente, enquanto que a história da literatura de Mendonça também apresenta essa semelhante perspectiva de **formação**.

Após o intervalo de aproximadamente quarenta e sete anos da escrita da ata de 1719, tem-se o livro **Crônicas do Cuiabá** (1765-1817) como o primeiro livro do estado de Mato Grosso, escrito por Barbosa de Sá e Joaquim da Costa Siqueira. O conteúdo da crônica é composto por relato dos procedimentos políticos para arrecadação de impostos (ouro, frutos) e criação de uma estrutura de governo.

Enquanto em Cuiabá houver viventes,
Passando de umas gentes a outras gentes
A fama do varão o mais honrado.
[...] (MENDONÇA, 2005, p. 23)

Destacamos esse poema com objetivo de mostrar como ocorre o julgamento do texto selecionado por Rubens de Mendonça. A pouca avaliação estética resulta numa apreciação superficial da estrutura formal do soneto, ao afirmar: “O soneto é fraco. No primeiro terceto, o poeta rima *conhecimento* com *documentos*.” (MENDONÇA, 2005, p. 23) grifo do autor. No conjunto de seleção, não há um aprofundamento na avaliação estética dos textos. Notamos que o julgamento e valoração ocorrem no sentido de apontar a formação de uma literatura, totalmente respaldada por seu contexto histórico. Ainda sobre o soneto de José Zeferino, e, a publicação na antologia **Poetas Bororos** (1942), Mendonça justifica que colocará o poeta do período colonial mais por questões históricas do que por qualidade “estética” de seus poemas.

O restante do conteúdo deste primeiro capítulo é composto pelas crônicas de Felipe José Nogueira Coelho, do padre João A. Cabral Camelo e alguns apontamentos sobre questões relacionadas a bibliografia. A crônica de Felipe José relata a criação da Vila Real do Bom Jesus do Cuiabá e a disputa de Vila Bela da Santíssima Trindade para ser a sede administrativa do estado. A crônica do padre João Cabral, apresenta a aliança dos cuiabanos com as autoridades para vingar um ataque dos paiaguás e também um episódio entre o primeiro grupo com os índios Guaicurus. Sobre a bibliografia Mendonça descreve as ações de Eduardo Prado e Afonso Taunay sobre os escritos de frei Gaspar da Madre de Deus, que graças a Eduardo Prado, que assegurou a conservação do manuscrito do frei no Instituto Histórico de São Paulo, enquanto que Afonso Taunay garantiu-lhe a autoria, ao desvendar o crime de plágio cometido por Cardoso de Abreu que copiou e se apoderou do manuscrito do Frei Gaspar. Além desse plágio, Taunay descobriu que Manoel Cardoso de Abreu também plagiou Pedro Taques. Em um tom de descontentamento, Mendonça destaca que o plagiário é citado na **História da Literatura Brasileira**, (1930) de Arthur Mota como escritor mato-grossense, e ao mesmo tempo o historiador contesta essa informação e diz que Cardoso de Abreu era paulista.

No conjunto das crônicas que compõe a história literária de Rubens de Mendonça, podemos observar que elas apresentam informações peculiares ao processo de colonização da região mato-grossense. As crônicas, os relatos de viagens, são textos comuns nas histórias literárias e, geralmente, apresentam o mesmo perfil descritivo que inaugura a história de um povo.

A estrutura do primeiro capítulo, com as afirmações “nesse período colonial” e “Assim era nossa literatura no período inicial”, instaura a consciência de fundação do estado e, ao mesmo tempo, suscita a discussão sobre o emprego da expressão *período colonial* como sendo de cunho muito mais político, do que literário. E isso é recorrente nas histórias literárias.

[...] O mesmo perplexionante quadro é apresentado por quase todas as outras literaturas: por exemplo, o “período colonial”, da literatura norte-americana, é um termo político, enquanto “romantismo” e “realismo” são termos literários. (WELLEK; WARREN, s/a, p.329)

A história literária apresenta a formação de um sistema literário seja nacional ou regional, em paralelo ao desenvolvimento político, social, porém WELLEK e WARREN (p. 331) apontam que “[...] A literatura não deve ser concebida meramente como um passivo reflexo ou cópia do desenvolvimento político, social ou mesmo intelectual da humanidade. Consequentemente, é por critérios puramente literários que deve fixar-se o período literário.” De forma geral, notamos que Rubens de Mendonça não se limita diretamente a período¹⁵ na organização dos textos literários. O julgamento superficial, quanto à qualidade estética da produção, se filia ao uso da biografia dos autores sem as referências bibliográficas, sem a acuidade com as fontes.

As expedições científicas, título do segundo capítulo, trata dos relatos de estudiosos e políticos, do estado de Mato Grosso, e, eram compostas por técnicos, geógrafos, desenhistas e astrônomos, vindo dos diferentes países europeus. No todo, as crônicas selecionadas trazem uma regularidade no conteúdo, pois descrevem as atividades e a estrutura de Cuiabá, nos finais do século XVIII e início do século XIX.

A primeira manifestação dessas expedições se dá com as descrições geográficas de Ricardo Franco; em seguida, o relato de Luis d’Alincourt destaca a ênfase no ouro, “Rio Cuiabá – o aurífero, sadio e alegre Cuiabá tem sua origem na Serra Azul, rumo dos Parecis, no departamento da Vila de Diamantino, 25 léguas a E.N.E, da mesma, e no paralelo de 12°, 30’, com pouca diferença. [...]”. (MENDONÇA, 2005,p.30)

¹⁵ Entendemos período, segundo os pressupostos de WELLEK e WARREN (p.331) ao afirmar que “Um período é, assim, uma seção de tempo dominada por um sistema de normas, convenções e padrões literários, cuja a introdução, difusão, diversificação, integração e desaparecimento podem ser seguidos por nós”.

O paraíso do ouro. Mato Grosso é descrito como um paraíso de riquezas naturais. O Édem como encantamento e promessa de riqueza rápida.

Quando chove, as crianças entretêm-se em procurar ouro no meio das ruas, porque nos regos d'água, que se formam, descobrem sempre algumas palhetas. Por toda parte anda-se aqui por cima dele; nas ruas, nas casas que são ladrilhadas, nos jardins, não há polegadas de terras que deixa de o conter. O pescador na sua chopana pisa o precioso metal; metade de um dia, porém, de trabalho em arrancá-lo do solo lhe traz menos vantagem que a pesca de um único pacu. É contudo o objeto de extração que os habitantes conseguem. (MENDONÇA, 2005, p.33)

O álveo deste rio é , em muitas paragens, forrados de grandes bancos de pedra arenosa, com veeiros de cristal de rocha, noutras coberto de bancos de areais, cascalho e lodo em partes; mas seguidos pelos pantanais, é geralmente lodoso e areento.(MENDONÇA, 2005, p.31)

O relato dos viajantes revela um projeto de construção e crescimento da cidade: a modernização. Cada detalhe, com precisão, sobre a formação de Cuiabá. Hercules Florence descreve as principais construções cívicas da cidade: palácio do presidente, cadeia, câmara municipal, quartel, casa da moeda, hospital e as igrejas que haviam no povoado, ainda sobre a cidade Florence destaca:

A cidade pode ter meio quarto de léguas de poente a nascente, e dois terços dessa distância de N. A S. Não há senão 18 ou 20 casas de sobrado, esses mesmos pequenos: todas as mais são térreas. Cada casa tem nos fundos um jardim plantado de laranjeiras, limoeiros, goiabeiras, cajueiros e tamarineiros, árvore cuja folhagem densa e escura forma no meio das outras agradável contraste, concorrendo todas elas para darem a povoação aspecto risonho e pitoresco. (MENDONÇA, 2005, p.32)

O relato de viagem fundamenta um passado de origem, delimita um espaço geográfico, com ênfase nas riquezas naturais do Estado. Além dos recursos naturais, as especificidades da língua são mencionadas no **Dicionário de Vocábulos Brasileiros**, de Visconde de Beaurepaire Rohan. Para Bartolomé Bossi

[...] – Cuyabá es uno verdadero laberinto; y será muy difícil corregirla por la naturaleza de terreno montuoso, razón por la que es de suponerse que la población se extiende hacia al río, lo que sería una fortuna para esa importante ciudad – Las calles están todas muy bien empedradas; se sirven de la piedra de cuarzo aurífero y de cristal. (MENDONÇA, 2005, p.34)

Francisco Castelnou descreve Cuiabá

A cidade está construída no vale do rio que lhe deu o nome, por entre vários morros, cuja terra foi durante muito tempo revolvida pelos mineradores de ouro. A formação se compõem de xistos argilosos cinzentos, dos já encontrados por nós em dias anteriores; são sempre inclinados sobre o horizonte e recobertos, mormente nas partes menos elevadas, de uma camada ondulada de canga, misturada a blocos de quartzo branco, pedra usada na pavimentação da cidade. A terra vegetal é vermelha, cor que ela deverá provavelmente aos detritos da canga; contém certa quantidade de ouro, motivo pelo qual os negros e as crianças vivem sempre a lavá-la, especialmente por ocasião das grandes chuvas. O metal precioso é também encontrado com abundância nas cangas. (MENDONÇA, 2005, p. 35)

Nesse conjunto de relatos, a seleção das crônicas de viagem, do relato de expedições científicas, cria uma fisionomia, uma história de colonização, redescobrimto.

Rubens de Mendonça usa o termo Romantismo, pautado em datas: “[...] o Romantismo, que vai de 1870 a 1890”. Esses dados são suficientes para entender que o método prioriza o sentido histórico. Os conteúdos, do terceiro e quarto capítulos, sustentam a crença do historiador no romantismo: “o romantismo em Mato Grosso, podemos afirmar sem receio de errar, teve início com Antônio Cláudio Soído” (MENDONÇA, 2005, p. 39). Esse terceiro capítulo, onde lemos essa afirmação, trata-se efetivamente da poesia. Destacamos que Mendonça destaca duas ressalvas sobre este período: primeiro, que ele “não foi literato **propriamente**” (grifo nosso) e, segundo, que “era historiador”. Ao grifarmos a palavra “propriamente”, colocamos em pauta um dos grandes questionamentos da abordagem de Rubens de Mendonça que mescla conteúdos históricos¹⁶, com conteúdos literários¹⁷.

Além de Antônio Cláudio Soído, o precursor do romantismo, são elencados mais onze¹⁸ nomes de poetas que têm seus textos nessa história literária, com exceção de Manoel Ribeiro dos Santos Tocantins e Fabio Monteiro de Lima não há poesia. Os poemas variam na forma em soneto, quadras, sextetos entre outras, quanto à temática há três que prevalecem: o amor, a política e a imprensa. Notamos com estes dados que a seleção e classificação dos poetas citados, ocorrem de forma totalmente cronológica, marcada pela data de nascimento de cada autor. Em seguida, Mendonça descreve-os uniformemente, destacando o nome do autor seguido dos dados biográficos e bibliográficos, quando havia,

¹⁶ Todos os registros de procedimentos políticos e sociais ocorridos em Mato Grosso.

¹⁷ Entendemos por conteúdo literário, os poemas, contos, romance, teatro.

¹⁸ Antônio Augusto Ramiro de Carvalho (1833); Antônio Gonçalves de Carvalho (1844); Amâncio Pulquério de França (1846); Manoel Ribeiro dos Santos Tocantins (1852); José Tomás de Almenida Serra (1886); Pedro Trouy (1872); Frederico Augusto Prado de Oliveira (1874); Antônio Tolentino de Almeida (1876); Padre Armino Maria de Oliveira (1882); Fabio Monteiro Lima (1883); Indalécio Leite Proença (1883).

as apreciações dos poetas são realizadas destacando a influência dos poetas Alfred Musset, Alvares de Azevedo e Cassimiro de Abreu nas produções.

Além dos comentários sobre a influência destes autores ora citados, Mendonça não apresenta nenhuma consideração sobre a estética dos poemas, mas ele menciona a grande dificuldade que esses escritores tinham com relação à publicação de seus escritos, o que levou muitos deles a não deixar nenhuma publicação, tendo os seus poemas sido publicados apenas em jornais da época. Entre o aparecimento do primeiro poeta José Zeferino e o segundo Antônio Cláudio Soído, há um intervalo de quase um século sem que nenhum autor ou produção seja citado.

No final do terceiro capítulo, há uma proposta para se estudar os prosadores, “quanto a esse mesmo período, Romantismo, vamos estudar os prosadores” (MENDONÇA, 2005, p. 50), todavia, o conteúdo do seguinte em nada se difere dos dois primeiros capítulos, na qual a maioria dos textos são de cunho político, jornalístico, históricos, exceto duas crônicas e uma poesia¹⁹, dois contos²⁰. Ao mencionar o teatro em Mato Grosso, Mendonça ressalta que desde 1796, já havia representações:

Assim aconteceu a chegada do governador Caetano Pinto de Miranda Montenegro, em 1796, recebido com as mais ruidosas festas que o mundo oficial e o povo podiam então proporcionar, em homenagem a tão elevada autoridade: iluminação geral da vila, durante três noites consecutivas, bandos de mascarados, orquestras percorrendo as ruas, bailados ao ar livre, cavalhadas, touradas e, como fecho de ouro, a representação de seis comédias. (MENDONÇA, 2005, p. 62-63)

Além desse evento, surgem o grupo teatro **Amor a Vida** em 1877, conhecido como teatro ambulante, o representante do teatro no estado mencionado nessa obra, é o padre Raimundo Pombo Moreira da Cruz, considerado o “único teatrólogo” até o ano de 1970 que data a publicação da primeira edição desta história literária.

Apesar de ser intitulado como prosadores, curiosamente, conforme já citamos encontramos nesse quarto capítulo uma poesia e as quadras conhecidas por trovas, estas aparecem em dois momentos: primeiro em Os Trovadores do Sertão e em seguida é retomada em A Trova Brasileira:

¹⁹ Crônica literária: **O Quadro de Zêuxis** de Antônio Cesário de Figueiredo Neto; **Folhas ao Vento** e poesia **Carnaval Político** de 1924 de Amarílio Novis

²⁰ **O Chafariz do Alencastro** de Cesário Correa da Silva Prado e **Conversão** de Antônio Vieira de Almeida

Eu tenho um lencinho branco
 Marrado nas quatro ponta;
 Eu tenho meu amor novo
 Do véio num faço conta

Todas as quadras citadas não são lhes dada autoria, geralmente são entoadas acompanhadas ao som da viola, nas festas religiosa, com temas que variam entre o amor, mulher e desafios entre os improvisadores.

Temos ainda, o romance **Mirko** (1920) de Francisco Bianco Filho, considerado até a primeira década do século XXI, como o primeiro Romance mato-grossense. Mas em 2008, como resultado de uma pesquisa realizada pela Professora Walnice Vilalva (UNEMAT), descobre-se que o romance **Luz e Sombra**, publicado em 1917 no Rio de Janeiro e reeditado em 2008.

O último e mais extenso capítulo se inicia com descrições de algumas associações que antecederam à criação da Academia Mato-Grossense de Letras, em 1932. Segundo Mendonça, a década de 30, século XX, foi a década de evolução nas letras mato-grossenses. Em seguida, Rubens de Mendonça aborda os poetas parnasianos, afirmando que os poetas mato-grossenses sofreram fortes influências de Olavo Bilac, destacando neste período Otávio Cunha Cavalcanti, cujos poemas foram mencionados como “jóias da poesia nacional”, “delicados”, “poesia que fala a alma”, ou ainda, um “poeta verdadeiramente genial”. Dom Aquino Correa também é destaque com sua poesia religiosa e épica. Outro escritor, José de Mesquita, fundador da Academia Mato-grossense de Letras, também comprometido com os movimentos culturais no Estado, possui uma numerosa produção entre textos jornalísticos, históricos, poéticos, conto e romance.

O simbolismo em Mato Grosso é representado por Pedro Medeiros que, de acordo com Rubens de Mendonça, foi um dos maiores poetas da época. Para discutir o pré-modernismo, Mendonça faz um recorte entre os dois primeiros decênios do século passado,

destacando as produções poéticas de Calvalcanti Proença, no qual ele aborda tanto a poesia quanto a prosa; e, Lobivar Matos com **Areotorare** e **Sarobá**, reeditadas em 2008.

Como poeta, Rubens de Mendonça faz parte da seleção de sua história literária e aponta o seu forte engajamento nas questões culturais, ao lado de José de Mesquita, Lobivar Matos, Gervásio Leite entre outros. Manoel de Barros também é mencionado como excelente poeta modernista. Na poesia concretista do Estado, o grande nome é, sem dúvida, Wladimir Dias Pino. A representação feminina é bem limitada, sendo mencionada apenas Maria Úrsula Santos Costa, Maria de Arruda Muller, poetisa cuiabana elencada junto aos poetas parnasianos e Vera Iolanda Randazzo, cronista e poetisa do modernismo. A abordagem de Rubens de Mendonça, apresenta produções em prosa e em verso, ainda que, na seleção dos fragmentos identificamos a predominância do poema. O único romance que ganha destaque com fragmentos citados é **Alferes**, de Cavalcante Proença, considerado por Rubens de Mendonça como “figura de grande destaque”.

No conjunto da obra fica evidente o conhecimento, o horizonte de leitura de Rubens de Mendonça sobre a literatura ocidental e brasileira. Interessa-nos destacar que ao iniciar cada período literário, Mendonça se reporta à situação da literatura nacional e contextualiza, ainda que sucintamente, Mato Grosso no período. A história da literatura de Mendonça ocorre num momento em que os estudos historiográficos estão sendo discutidos com muita ênfase no eixo Rio de Janeiro/ São Paulo, entre as décadas de 40 a 50 do século XX. Surgem nessas décadas, na Universidade de São Paulo um grupo que busca repensar os métodos de abordagem das histórias de literatura no Brasil. A década de 50 é aberta por Lucia Miguel Pereira, com sua **História da Literatura Brasileira (prosa e ficção: 1870 - 1920)**, logo após Otto Maria Carpeaux publica, em 1947, publica a **História da Literatura Ocidental**, e sua **Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira**, em 1951. Um ano após, Wilson Martins aparece com sua obra: **A crítica literária no Brasil**. Em 1954, Antônio Soares Amora publica sua **História da literatura brasileira (os séculos XVI-XX)**. Em 1956, Alceu Amoroso Lima lança sua **Introdução à Literatura Brasileira**.

A década se encerra com as duas maiores publicações, deste meio século, para a historiografia e crítica literárias: a primeira, em 1955 - 1959, de Afrânio Coutinho, com sua **A literatura no Brasil**; em 1959, Antonio Candido com os dois tomos da **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**.

Todas as histórias literárias tentam de alguma maneira explicitar uma tradição literária, seja através da afirmação, ou, por meio da negação, como é o caso mais evidente de Afrânio Coutinho:

Outro tipo de história literária é o que considera as obras em termos da tradição literária, no processo de desenvolvimento da própria literatura, como arte, em relativa independência de fundo de cena, ambiente ou autor, relacionando as obras com as outras obras do mesmo gênero ou do mesmo estilo, identificando períodos pela similitude de traços estilísticos e convenções estéticas, analisando os artifícios literários, os temas, os gêneros, as convenções, as técnicas, os elementos estruturais, os recursos linguísticos, etc. **É para esse último tipo que se voltam as atenções dos que aspiram a uma história literária da literatura, próxima da estética e da linguística.** (COUTINHO, 1999, p. 10-11. Grifo nosso)

De forma geral, é no método, composto por seleção de textos, o contexto histórico, a biografia de cada autor, e a apreciação das obras que permitiram apontar o desenvolvimento de um sistema literário, seja ele nacional ou regional. Mesmo ao negar os contextos históricos e biográficos, como meio de apresentar o processo de desenvolvimento da literatura, percebemos que, implicitamente, estes elementos sustentam o discurso de Coutinho, por exemplo. Diferentemente desses modelos, a história literária de Rubens de Mendonça não apresenta nenhuma apreciação histórica, além dos fragmentos, para situar o leitor no contexto histórico.

A biografia dos autores, na seleção de Mendonça, se resume em data e locais de nascimento e falecimento, profissão e cargos políticos exercidos no estado; quando havia, eram mencionados os dados bibliográficos das obras de cada autor.

A partir de Afrânio Coutinho, podemos entender porque o positivismo e o historicismo, adotados por Mendonça enfrentou grandes críticas. Segundo Coutinho, esse método super valoriza o meio histórico e social, restringe a obra aos dados biográficos do autor, dificultando ou impedindo o julgamento estético da obra, a literatura.

A seleção de fragmentos dos textos é, basicamente, composta por poemas, crônica de conteúdo político ou relato de viagem, contos e alguns fragmentos de romance. Esses fragmentos são colocados na sequência da biografia de cada autor. Devido à omissão das fontes bibliográficas, não sabemos se todos os textos apresentados estão na íntegra ou não. 52

A história da literatura mato-grossense está organizada em: literatura do período colonial, romantismo, parnasianismo, simbolismo e pré-modernismo. Nessa organização, verificamos o objetivo em demonstrar o desenvolvimento da produção literária no Estado.

[...] Mas o nosso ponto de partida deve ser o desenvolvimento da literatura como literatura. O período é, portanto, apenas uma subsecção do desenvolvimento universal. A sua história só pode ser escrita com referência a um esquema variável de valores, e este esquema de valores tem de ser tirado da própria história. Um período é, assim, uma secção de tempo dominada por um sistema de normas, convenções e padrões literários, cuja a introdução, difusão, diversificação, integração e desaparecimento podem ser seguidos por nós. (WELLEK & WARREN, s/a, p.331)

Na seleção de Rubens de Mendonça, percebemos que o conjunto de textos não fundamenta o caráter estético de um período. A atitude de Mendonça, ao considerar os relatos de viagens, as crônicas e até mesmo os discursos proferidos sobre o estado, como documentos históricos da formação do estado é entendida como uma forma de legitimar a produção local. Roncari afirma que esse objetivo foi ultrapassado “[...] Na medida em que os homens de hoje ainda a procuram (história literária), interessam-se por ela e encontram emoções em sua leitura, ela se mostra viva e passa a fazer parte do acervo, tradição ou universo literário ao qual recorreremos em busca de nossa formação.” (RONCARI, p.22, 2002).

Nesse sentido, entendemos que os textos de cunho histórico, com objetivo de relatar os feitos dos homens da terra, em um dado momento, não expressam o sentimento de pertença e manifestam as emoções de um povo. Ainda com relação aos textos biográficos, os ensaios, as crônicas de viagem e os discursos parlamentares, muito comuns tanto na história da literatura de Rubens de Mendonça, quanto no livro **História da Cultura Mato-grossense**, de Lenine Póvoas, constituem uma “tendência periférica”, pertencente ao “código literário do romantismo”.

Conforme já assinalamos, o gênero lírico é o predominante na história da literatura de Mendonça, isso pode se explicar pelos trabalhos executados anteriormente com as antologias. Inferimos que a prevalência da poesia também se justifique pela facilidade de se publicar tais textos nos jornais, já que a impressão de livro, no caso de contos ou romance, era mais complicada “ [...] A impressão de um livro em Cuiabá, constituiu no dizer de José de Mesquita: uma das formas modernas do heroísmo” (MENDONÇA, p. 37, 1970).

A história literária de Rubens de Mendonça se fundamenta no método histórico, valendo-se, sobretudo, da subordinação da literatura ao estilo de vida social, às condições do seu tempo e ao meio, em uma ideologia totalmente positivista e extratextual. A avaliação de cada fragmento, relacionado ao conjunto de todos os textos da literatura mato grossense, evidencia a formação de um cânone. Dentre as várias possibilidades de definições para o cânone literário, optamos por tratá-lo enquanto “catálogo de autores aprovados”²¹, por um determinado grupo. Harold Bloom em sua obra **Cânone Ocidental** (2010) define o cânone como “escolha entre textos que lutam uns com os outros pela sobrevivência, quer se interprete a escolha como sendo feita por grupos sociais dominantes, instituições de educação, tradições de crítica [...]” (BLOOM, 2010, p.33). Destarte, o cânone mato-grossense é formado pelos trabalhos de Rubens de Mendonça, Lenine Póvoas e Hilda Gomes Dutra Magalhães. A compilação de uma história literária está ligada, diretamente, com a formação do cânone, seja nacional ou regional. Candido (1975, p.319) salienta que “Ao descrever os sentimentos e as ideias de um dado período literário, elaboramos frequentemente um ponto de vista que existe mais em nós, segundo a perspectiva da nossa época, do que dos indivíduos que a integraram”. A história da literatura mato-grossense manifesta uma consciência de registro e patrimônio da cultura, e evidencia o desejo de que os autores mato-grossenses não fossem esquecidos.

Ao observar a formação do cânone da literatura brasileira em consonância ao projeto de nacionalismo que imperou no período de consolidação de independência do Brasil, percebemos que a questão da originalidade se pautou mais na exaltação das questões nacionais/patrióticas, e, no valor documental dessa produção; o que nos remete ao fato de sermos consciente de que no Brasil “A estranheza canônica pode existir sem o choque dessa audácia, mas o cheiro de originalidade deve sempre pairar num aspecto inaugural de qualquer obra que vença incontestavelmente o agon com a tradição e entre no Cânone.” (BLOOM, 2010, p.17). O cânone da literatura mato-grossense é composto sem essa audácia mencionada por Bloom, mas sua valia se dá por sua originalidade de vencer a tradição e instaurar um sistema literário local.

No estado de Mato Grosso, o cânone representa a memória, “[...] O conhecimento não pode prosseguir sem memória, e o Cânone é a verdadeira arte da memória, a autêntica fundação do pensamento cultural.” (BLOOM, 2010, p. 53). No sentido de se manter viva a memória da produção literária, consolidada pelo cânone elegido por Rubens de Mendonça,

podemos afirmar que o historiador cumpriu com seu designio ao elencar os escritores e obras que compõem a sua história da literatura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A **História da Literatura Mato-Grossense**, de Rubens Rendonça é uma obra que não prioriza o julgamento estético, sua seleção se estabelece na inserção dos autores no cenário literário desde o período colonial até 1970. Nos cinco capítulos que a compõem, Mendonça elenca cerca de cento e onze autores que escreveram crônicas, relatos de viagem, peças de teatro, contos, romances e, principalmente, poesias. Desde a década de 1930, Mendonça se debruça nos estudos da divulgação e conservação da literatura produzida no estado de Mato Grosso. Ao utilizar o termo “mato-grossense”, seu intento é definir o lugar dessa literatura.

Essa pesquisa se dividiu em três capítulos, sendo que no primeiro abordamos o programa do nacionalismo no Brasil, a crítica de Machado de Assis no texto “Instinto de nacionalidade” e as histórias da literatura brasileira de Silvio Romero, José Veríssimo, Ronald de Carvalho, Afrânio Coutinho e Antônio Cândido. Nessas histórias de literatura observamos a metodologia de cada autor e concluímos, a partir do método e do conceito de literatura, que Silvio Romero se preocupou em apresentar a formação da literatura associada com a formação da nação brasileira; enquanto José de Veríssimo se deteve no desenvolvimento da literatura brasileira e procurou apresentá-lo por seus elementos estéticos. Ronald de Carvalho retrocede com a publicação de sua obra, pois seu método se assemelha ao de Silvio Romero. Com relação a Afrânio Coutinho e Antônio Cândido, podemos afirmar que representam avanços na proposta de história literária no Brasil.

No segundo capítulo, realizamos, brevemente, estudo das antologias, desde o seu surgimento no século XVIII, a publicação das primeiras antologias brasileiras, e as antologias organizadas por Rubens de Mendonça. Por fim, concluímos que as antologias são de suma importância para compilação das histórias literárias, e as consideramos como embrião de um trabalho historiográfico.

Finalmente, no último capítulo, apresentamos a sistematização da literatura mato-grossense por meio do trabalho desenvolvido por Rubens de Mendonça e reafirmado por Lenine Póvoas e Hilda Gomes Dutra Magalhães. Também afirmamos a formação do cânone local como contradiscurso ao cânone nacional. Nesse sentido, a literatura regional se apresenta de forma sistematizada para reivindicar representatividade enquanto espaço produtor de literatura.

Toda história de literatura apresenta um método que condiciona uma estrutura organizacional. Nesse sentido, o estudo e a realização da história literária estão sempre permeados por muitos embates e entraves, principalmente no que se refere aos diferentes métodos de abordagem da literatura, e sua vinculação ao histórico-social. Esse embate se revigora, em nossos dias, quando discutimos, especificamente, a formação de um sistema literário regional/local, demarcado territorialmente dentro de um sistema nacional defendido por seu cânone. Nessa busca por representatividade, devemos considerar a história literária regional como reflexo dos movimentos políticos e sócio-culturais dos grandes centros.

Para discutir as produções locais, procuramos entender como as histórias literárias, publicadas no final do século XIX, e, no decorrer do século XX, colaboraram no processo de formação e consolidação da nação brasileira, pois os fatores que constituem uma nação estão ligados à identidade coletiva de um povo, marcado por uma territorialidade, por uma fronteira. São esses mesmos fatores que constituem a base do contradiscurso da história literária regional. Logo, as reflexões sobre o regionalismo se deram no sentido de reconhecimento e legitimação, abandonando assim todos os demais conceitos que pesam sobre o termo, ao limitar as produções regionais a “cores locais”, “costumes” e “tradições”.

Além dos fatores formadores de uma identidade coletiva defendida tanto nas histórias nacionais quanto na local, notamos que o processo de compilação dos textos se estabeleceu pelo mesmo viés, por meio das antologias, que num primeiro momento apresentam o processo de “evolução” dos movimentos literários e, ao mesmo tempo, promovem o início do processo de reconhecimento de obras e autores que a compõem. As antologias, assim como as histórias da literatura, são estruturadas por meio da “seleção”, “organização” e “publicação” das fontes primárias e secundárias. No conjunto da produção de Rubens de Mendonça, em sua História da Literatura Mato- Grossense, observamos a sua ânsia em registrar e divulgar a literatura de Mato Grosso. As escolhas, nos textos de informações que ocupam um espaço considerável em sua obra, não pertencem a categoria de textos literários. Todavia trazem um passado de formação do estado, criam uma origem, demarcam uma existência. Mesmo com a deficiência do método, Mendonça apresenta o sistema literário em Mato Grosso.

A história da literatura mato-grossense encerra um ciclo de trabalho, empreendido por Rubens de Mendonça, desde os finais da década de 30, século XX, iniciada pelos discursos e conferências, passando pelas antologias, pelos trabalhos publicados nos jornais, até chegar na **História da literatura mato-grossense**.

Por fim, afirmamos que, assim como a História da Literatura Brasileira de Silvio Romero oficializou o Cânone da literatura nacional, da mesma forma a História da Literatura Mato-grossense oficializou o cânone da literatura produzida em Mato Grosso, reivindicando o conhecimento e o reconhecimento.

REFERÊNCIAS

BORDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz (português de Portugal). 1 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo na poesia**. 6 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.

BLOOM, Harold. **O Cânone Ocidental**. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos**. 5 ed. São Paulo: Itatiaia, 1975. 1 e 2 v

_____. **Literatura e sociedade**. 10 ed. Rio de Janeiro: ouro sobre azul, 2008.

CASTELLO, José Aderaldo. **A Literatura Brasileira: Origens e Unidade (1500-1960)**. 1.ed. São Paulo: Edusp, 2004. 2v.

CHARTIER, Roger. **Inscrever e Apagar: cultura escrita e literatura(séculos XI-XVIII)**. Trad. Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

COMPAGNON, Antoine. **O Demônio da Teoria: Literatura e Senso Comum**. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão; Consuelo Fortes Santiago. 2 ed. Belo Horizonte: editora UFMG, 2010.

COUTINHO, Afrânio. (org). **A Literatura no Brasil: (Introdução Geral)**. 5. ed., São Paulo: Global, 1999. 1 v

_____. (org). **A Literatura no Brasil: (Era Romântica)** 7. ed., São Paulo: Global, 2004. 3 v.

_____. (org) **A Literatura no Brasil: (Era Realista/Era de transição)**. 6. ed., São Paulo: Global, 2002. 4v.

_____. (org) **A Literatura no Brasil. (Relações e Perspectivas/conclusões)**. 6. ed., São Paulo: Global, 1999. 6v.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa**. 4. ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2009.

HOBBSAWM, Eric J. **A Era Das Revoluções, Europa 1789-1848**. Trad. Maria Tereza Lopes Teixeira; Marcos Penchel. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. **A Era dos Impérios 1875 – 1914**. Trad. Siene Maria Campos; Yolanda Steidel de Toledo. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. (Versão digitalizada).

_____. **Nações e Nacionalismo desde 1780: Programa, Mito e Realidade;** tradução Maria Celia Paoli; Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____. **A Era do Capital**, Europa 1848-1875. Trad. de Luciano Costa Neto. 15 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

JAUSS, Hans Robert. **A História da Literatura como Provocação a Teoria Literária**. Trad. Sergio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.(versão digitalizada)

LEITE, Mário Cezar Silva. **Literatura e Vanguarda: Entre o Nacional e o Regional**. In: Culturas e Identidades entre o regional e o nacional. Cuiabá: Carline & Carniato, 2012.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. **História da Literatura de Mato Grosso: Século XX**. Cuiabá: Unicen Publicações, 2001.

MENDONÇA, Rubens de. **Poetas Borôros: Antologia de Poetas Mato-grossenses**. Cuiabá: Escolas Profissionais Salesianas, 1942.

_____. **Antologia Borôro**. Curitiba: Editora Guaíra Limitada, 1946.

_____. **Poetas Mato-grossenses**. São Paulo: Gráfica Mercúrio S. A, 1958.

_____. **História da Literatura Mato-Grossense**. 2º ed. Unemat: Cáceres, 2005.

_____. **Aspecto da Literatura Mato-grossense**. á In: Revista Alere, ano 2, dezembro/2009. Cáceres: Editora UNEMAT. p. 101-108.

MURARI, Lucina. **Um Plano superior de pátria: o nacional e o regional na literatura brasileira da Reúbrica velha**. XI Congresso Internacional da ABRALIC- USP. São Paulo, 2008. Disponível em http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/040/LUCIANA_MURARI.pdf. Acessado em 10/05/2013

NUNES, Benedito. A Visão Romântica. In: O Romantismo. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2008.

OLINTO, Heidrun Krieger. **Histórias de Literatura: As novas teorias alemãs**. São Paulo: Ática, 1996.

PÓVOAS, Lenine. **História da Cultura Mato-grossense**. 2. ed. Cuiabá: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. 1994.

RICUPERO, Bernardo. **O Romantismo e a Ideia de Nação no Brasil (1830-1870)**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROMERO, Sívio. **História da Literatura Brasileira**. 7 ed. Rio de Janeiro: José Olímpio; INL: Brasília, 1980. 1-5 v.

RONCARI, Luiz. **Literatura Brasileira: Dos Primeiros Cronistas aos Últimos Românticos**. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2002.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. **Roteiro para uma Leitura Crítica do Regional Sul-Mato-Grossense**. In: Culturas e Identidades entre o regional e o nacional. Cuiabá: Carline & Carniato, 2012.

SENNA, Janaína Guimarães. **Flores de Antanho: as antologias oitocentistas e a construção do passado literário**. 2006. Tese (doutorado). Departamento de História, PUC, Rio de Janeiro. Disponível em http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0210218_06_pretextual.pdf Acesso em 11 de julho de 2012.

SERRANI, Silvana. **Antologia: escrita compilada, discurso e capital simbólico**. Alea vol.10 n° 2. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em <http://www.scielo.br>. Acesso em 10 julho. 2012.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. **Teoria da Literatura**. 8 ed. Vol. I. Coimbra: Almedina, 2007.

VENTURA, Roberto. **Estilo Tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870/1914**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VERÍSSIMO, José. **História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

VILALVA, Walnice Matos. **Identidade e Nacionalismo: Caminhos da Historiografia Literária Brasileira**. Alere. Vol.01. n° 1. p. 09 - 13 Cáceres: Editora da Unemat, 2008.

WELLEK, René; WARREN, Austin. **Teoria da Literatura**. 4 ed. Trad. José Palla e Carmo. Nova Yorque: Editora Biblioteca Universitária, s/a.